



EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

"CRISTO, VIDA DA VIDA"



29 DE ABRIL - 1 DE MAIO DE 2022

“CRISTO, VIDA DA VIDA”

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



2022

Na capa: *Ícone de Cristo*, Museu da abadia cisterciense de Poblet, Catalunha, Espanha.

“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Cristo, vida da vida’, o Sumo Pontífice está feliz em poder dirigir aos participantes sua cordial saudação. Ele deseja que os dias de espiritualidade sejam ocasião oportuna para renovar a adesão ao Mestre Divino, em vista de uma presença cada vez mais fecunda na Igreja e na sociedade, na esteira do carisma do Servo de Deus Dom Luigi Giussani. Diante do individualismo e da indiferença que marcam o nosso tempo provocando o descarte de tantas existências, o Santo Padre exorta a considerarem que a resposta cristã não reside na constatação resignada da pobreza de valores atual ou na lembrança nostálgica do passado, mas na caridade que, animada pela confiança na Providência, sabe amar a própria época e, com humildade, fazer novas todas as coisas. Com tais votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e de bom grado envia a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado.”

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
11 de abril de 2022

Sexta-feira, 29 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Sergei Rachmaninoff, Divina Liturgia de São João Crisóstomo, op. 31

Valeri Polianski – Capela Sinfônica da Rússia

“Spirto Gentil” n. 21, (Claves Records) Universal

■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA

Daive Prospero

Invoquemos o Espírito para que nos acompanhe ao longo do caminho destes dias, pedindo com toda a força e humildade de que somos capazes a graça de estarmos disponíveis à Sua ação, de modo a podermos mais uma vez degustar a doçura de Cristo presente entre nós e voltar para casa renascidos, recriados:

Oh! vinde, Espírito Criador

Como primeiro gesto, vou ler o telegrama do Santo Padre:

“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Cristo, vida da vida’, o Sumo Pontífice está feliz em poder dirigir aos participantes sua cordial saudação. Ele deseja que os dias de espiritualidade sejam ocasião oportuna para renovar a adesão ao Mestre Divino, em vista de uma presença cada vez mais fecunda na Igreja e na sociedade, na esteira do carisma do Servo de Deus Dom Luigi Giussani. Diante do individualismo e da indiferença que marcam o nosso tempo provocando o descarte de tantas existências, o Santo Padre exorta a considerarem que a resposta cristã não reside na constatação resignada da pobreza de valores atual ou na lembrança nostálgica do passado, mas na caridade que, animada pela confiança na Providência, sabe amar a própria época e, com humildade, fazer novas todas as coisas. Com tais votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e de bom grado envia a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

Nestes dias, junto conosco na Itália, vão acompanhar os Exercícios amigos conectados de 42 países, e nas próximas semanas mais 48 países vão viver os Exercícios; os Exercícios são traduzidos simultaneamente em sete línguas. Este é o panorama do nosso gesto.

Por que estamos aqui esta noite? Por que ficaremos reunidos por estes três dias, alguns presencialmente, outros remotamente, mas sempre reunidos? O que nos convenceu mais uma vez a nos reunirmos, juntos depois de dois anos

de pandemia que nos fizeram atravessar a solidão e a dor da perda de muitos entes queridos; juntos depois das tribulações e dos abalos que atingiram o nosso Movimento; juntos diante da incerteza do amanhã, ameaçado pela sombra de morte e de mal que a guerra traz consigo?

Dom Giussani, na introdução dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de 1992, responde assim a essa mesma pergunta:

“...o que realmente importa nesta companhia presente é algo que é inخورavelmente comum a nós. Cada um de nós tem uma personalidade própria, uma face própria, um coração próprio, um temperamento próprio, um caráter próprio, e relativamente poucos se conhecem neste nível de detalhes; mas até as pessoas que eu nunca vi, que se perdem da escuridão (aumentada por estas luzes poderosas que me queimam os olhos), até aqueles que eu nunca vi têm em comum comigo a vida como uma tarefa para realizar, para cumprir; uma tarefa não conjecturada ou querida por mim ou por eles, uma tarefa comum, idêntica, para mim e para o último, o mais distante geograficamente, entre vocês: uma tarefa designada. O que há de comum é que queremos saber, desejamos saber, exigimos saber com todo o coração o ‘porquê’ dessa tarefa; e também queremos saber onde é que toda a nossa vitalidade, toda a nossa expressividade, toda a nossa dedicação, todo o nosso viver vai parar, qual é o *propósito* da vida, com as dificuldades para levar, as contradições para sofrer, a vergonha de nós mesmos para suportar (‘Rogai por nós, pecadores’). Estas coisas são comuns a todos, são as coisas mais importantes para cada um de nós. Nós só nos reunimos para reexaminar estas palavras, que, sendo as essenciais da vida de todos, são sempre as mesmas e nunca iguais, quando as repetimos. E este é justamente o milagre e o mistério de uma vida que é vida, que se expressa no nível destas palavras dramaticamente decisivas para um rosto que dura sempre, que é destinado a durar para sempre: o rosto eterno do nosso eu”.¹

Cada um de nós é chamado a fazer-se pessoalmente, esta noite, a grande pergunta que fomos educados a fazer-nos sempre que nos encontramos: eu, eu Davide e você, não importa o seu nome, por que eu e você estamos aqui esta noite?

Eu estou aqui porque fiz um encontro, há muitos anos. A princípio não foi mais que a experiência de um fascínio, o fascínio de uma humanidade cheia de promessa: promessa de significado para a vida, promessa de uma tarefa, promessa de um ideal capaz de tornar a vida cem vezes mais plena e maior, de um ideal capaz de dar razão das alegrias e das dores, da justiça e da injustiça, da felicidade e da infelicidade que marcam inexoravelmente a minha vida e a de todos. Esse encontro me inseriu num fluxo de vida que assumiu a forma de

¹ Cf. L. Giussani, *Um acontecimento na vida do homem*, Lisboa: Paulus, 2020, pp. 117-118.

uma companhia, uma companhia humana cuja grandeza e força eu pude experimentar: uma força ao valorizar e fazer crescer a semente de bem que havia em mim, e uma força ao me impedir de escandalizar-me perante meu mal e minha miséria. Desta forma, se devo usar uma palavra para resumir o sentido da história que me levou a estar aqui esta noite, a palavra que me vem à mente é “misericórdia”. Misericórdia, pois entendo que, se pude permanecer fiel a esta história até hoje, foi possível principalmente em virtude da fidelidade do Senhor à minha vida, fidelidade que assumiu os traços do rosto dos vários companheiros de estrada, que Ele pôs ao meu lado neste caminho. Misericórdia – ensinou-nos Dom Giussani – é uma palavra tão abissal, que seria preciso tirá-la do dicionário. Pela experiência que tenho dela, misericórdia significa isto: nós não somos o resultado dos nossos cálculos. Se há alguns anos me tivessem dito que um dia eu estaria aqui, neste momento, falando, com certeza eu teria caído na gargalhada. Mas nós não somos o resultado dos nossos cálculos: “Basta-te a minha graça”, diz o Senhor a São Paulo, “pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente”.²

Permitam-me mais um pensamento: ao estarmos aqui esta noite, a que exatamente é que estamos dizendo sim? A que eu estou dizendo sim? A qual “ta-refa” – para voltarmos à palavra usada por Dom Giussani no texto que acabei de citar –? Acho importante dizer com clareza a todos, ao iniciarmos este que é o gesto central da vida da Fraternidade, no que consiste a responsabilidade que o Espírito, por meio da autoridade da Igreja, nos confia neste momento da nossa história, até porque muitos me perguntaram nestas semanas inclusive por escrito, então é justo começarmos desde já a nos ajudar a olhar este passo.

Brevemente, o que nos é pedido é que participemos, com paixão e espírito de obediência filial, da renovação da Igreja do nosso tempo. No fim dos anos noventa, a Igreja reconheceu solenemente, na pessoa do então Papa São João Paulo II, o recurso fundamental que os movimentos laicais foram e são para a renovação da Igreja e de sua missão no mundo, sobretudo no contexto do mundo ocidental cada vez mais secularizado. Em 30 de maio de 1998 – muitos de nós lembram bem – na Praça de São Pedro estavam quase todos os fundadores dos movimentos eclesiais mais conhecidos. Muitos deles – e entre eles também o nosso querido Dom Giussani – hoje já não estão vivos. Acompanhando a delicada transição dos movimentos da fase fundacional para a sucessiva – uma transição que não só o nosso movimento teve de enfrentar, mas todos –, a condução da Igreja pôde ganhar uma consciência cada vez mais madura tanto da preciosidade do dom que os carismas dos movimentos são para toda a Igreja, quanto das podas de que essas realidades precisam para dar fruto. Um primeiro

² 2Cor 12,9.

resultado desse trabalho de reflexão, certamente não definitivo – um trabalho que não começou com o pontificado de Francisco, mas já durante o de João Paulo II (é só ler o importante relatório do então Cardeal Ratzinger por ocasião do Congresso Mundial dos Movimentos de maio de 1998) –, foi a carta da Congregação da Doutrina da Fé *Iuvenescit Ecclesia*, um documento que seria oportuno ler e também meditar. Seguiram-se a essa carta – como bem sabemos – o decreto geral *As associações internacionais de fiéis* e o discurso do Papa Francisco de 16 de setembro passado. Portanto, a Igreja vem pedindo que nos tornemos algo diferente do que sempre fomos? Pois esta é uma pergunta que muitos de nós se fizeram ou talvez estejam se fazendo. Quero responder a isto. Quando fui confirmado no cargo de Presidente da Fraternidade para os próximos anos, o Cardeal Kevin Farrell me disse: “Vocês querem ser esse fator de renovação, contribuir para ser esse fator de renovação a partir de dentro da experiência eclesial toda, trazendo tudo o que vocês são? Isto é muito importante, pois, se se transformarem numa coisa diferente do que são, não vai interessar a mais ninguém, nem a vocês nem a ninguém mais, e assim não construirá Igreja alguma”.

Então não nos é pedido nada mais além de sermos nós mesmos até o fundo, trazendo nossa originalidade para dentro de toda a Igreja, cada vez mais, com esta consciência. É a isso que a Igreja hoje nos convida a dizer um sim. É o que Dom Giussani escreveu depois do grande encontro do Papa com os movimentos: “O que se passou no sábado, 30 de maio, aconteceu porque vocês estão, também vocês, *juntos*. É só o conjunto que faz. Deus, com efeito, está presente onde há unidade. No sábado, o encontro com João Paulo II foi para mim o maior dia da nossa história, possibilitado pelo reconhecimento do Papa. Foi o ‘grito’ que Deus deu a nós como *testemunho da unidade*, da unidade de toda a Igreja. Eu, pelo menos, percebi assim: somos uma só coisa. Eu disse isso também a Chiara e a Kiko, que estavam ao meu lado na praça São Pedro: nessas ocasiões, como é possível não gritar a nossa unidade? E depois percebi, pela primeira vez tão intensamente, o fato de nós sermos *para* a Igreja, de sermos fator que constrói a Igreja. Senti-me pego entre as mãos e os dedos de Deus, que plasmam a história. Nestes tempos comecei a entender de verdade – e sábado ainda mais – a responsabilidade a que Deus me chamara. Eu não entendia, mas no sábado ficou claro. E essa responsabilidade é tal na medida em que se comunica aos demais justamente como responsabilidade. Ela é verdadeira quando é para a Igreja toda, e portanto para o Movimento todo; quando é uma obediência ao fato de que – como diz São Paulo – ‘ninguém dentre nós vive para si mesmo ou morre para si mesmo. Se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos; e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor’ (Rm 14,7-8). É Deus quem atua no que

nós fazemos: ‘Deus é tudo em tudo’. Nossa responsabilidade é para a unidade, até chegar a uma valorização inclusive do menor vislumbre de bondade que há no outro”.³

Eu estou aqui com vocês por isso. Padre Mauro-Giuseppe Lepori, Abade Geral dos Cistercienses, aceitou estar aqui conosco hoje pela mesma razão, e por isso lhe agradecemos.

“Cristo, vida da vida” é o título destes Exercícios. Um título, diria eu, providencial: de fato, de onde pode renascer nosso entusiasmo pela história que nos tomou, de onde pode nascer o sim que somos chamados a dizer, senão de olharmos novamente para a face de Cristo, senão da renovação do maravilhamento do qual tudo começou, do qual toda a nossa história começou, isto é, o maravilhamento de um homem, Dom Luigi Giussani, diante da carne, da face de outro homem, o homem Jesus de Nazaré?

Queria acrescentar a última e talvez mais importante resposta à pergunta feita na abertura: por que estou aqui, por que estamos aqui? Eu estou aqui por Ti, ó Cristo, Vida da vida. Estamos aqui por Ti, estamos aqui para conhecer-Te mais, para reconhecer-Te de novo.

Disponhamo-nos, então, à escuta, seguindo a quem está mais à frente do que nós no caminho.

³ L. Giussani, “Carta à Fraternidade, Milão, 3 de junho de 1998”, in Idem, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Fraternidade Comunhão e Libertação, 2019, pp. 287-288.

■ INTRODUÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

“Uma só coisa é necessária”

O silêncio que escuta

“Seguir a Cristo, amar a Cristo em tudo: é o que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso caminho.”⁴

Essa afirmação de Dom Giussani na carta que escreveu há vinte anos à Fraternidade, reagindo com emoção à carta de São João Paulo II pelo 20º aniversário da própria Fraternidade, soou-me imediatamente como a síntese mais simples e abrangente da consciência que um gesto como os Exercícios nos chama a despertar juntos. Juntos! Os Exercícios não são um monólogo, nem mesmo se quem os prega for um monge. Aliás, um monge deveria ser um humilde chamado de atenção para um desejo de silêncio, de uma atitude de silêncio, e um humilde chamado para a consciência de que o silêncio quer dizer escuta, quer dizer abrir “o ouvido do coração”, como diz São Bento no Prólogo de sua Regra. São Bento começa a Regra assim: “Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente [ou seja, faz experiência] o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, Àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência”.⁵

A obediência não é antes algo para fazer. A obediência é antes um escutar, que se torna obra na medida em que a escuta é vivida como abertura atenta e devota do coração, “inclinada”, diz aqui São Bento, como a do mendigo que pede o necessário para viver. O silêncio que escuta, que deseja a vida dada por Outro, se penetra na vida, se abre espaço na vida, no tempo, nas coisas para fazer, nas preocupações, nas alegrias e nas dores da vida, de toda a vida, o silêncio que penetra mesmo que só um pouquinho na vida, torna-se a via mestra pela qual a vida penetra toda no silêncio, ou seja, penetra na escuta, inclina-se, inclina-se a pedir e acolher a vida. Como o expressam os maravilhosos versos de Clemente Rebora: “O meu canto é um sentimento / que do dia fatigado / as tardes horas cansou: / E suplicava a vida”.⁶

⁴ L. Giussani, “Carta à Fraternidade, Milão, 22 de fevereiro de 2002”, in Idem, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Fraternidade Comunhão e Libertação, 2019, pp. 10.

⁵ RB Prólogo, 1-2.

⁶ C. Rebora, “LXXII. Son l’aratro per solcare”, I. *Frammenti lirici - 1913*, in Idem, *Le poesie*, Milão: Garzanti, 1988, p. 123.

Mas o silêncio que nos é pedido nestes dias não deve cansar. Deve antes descansar-nos de uma desordem, de uma agitação de busca, de um afã de pretensão no qual entorpecemos a pureza do desejo profundo e verdadeiro do coração, que é um desejo simples, um desejo de criança, um desejo que não corrompe com a nossa pretensão sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre a Igreja, sobre quem é responsável, sobre quem não o é... não corrompe com a nossa pretensão a necessidade verdadeira de todo o mundo e de todas as situações em que a vida e a história transcorrem, incluída a história de uma Fraternidade ou de uma Ordem como a minha, bem como de todas as realidades eclesiais.

Pois bem, peçamos a Nossa Senhora esse silêncio verdadeiro, esse desejo verdadeiro, pois seu coração era livre de qualquer mancha de pecado, de qualquer anseio de pecado original, isto é, de posse autônoma, arrancada, agarrada mais que acolhida, do sentido e da plenitude da vida. O coração de Maria vivia esse desejo sempre, em tudo. Nela era espontâneo pedir tudo, mesmo sem palavras, pois o pedido, o desejo da vida, era a batida constante de seu coração imaculado. Para nós não é assim. Precisamos ao menos de um momento de consciência de que não é assim, um átimo de reconhecimento de que falta o silêncio que escuta com o desejo do coração, o qual é distraído demais, saturado de outras coisas, ensurdecido por outros barulhos. Mas para criarmos em nós o silêncio que pede, que mendiga, no fundo basta um átimo de consciência da nossa distração, da nossa superficialidade, que seja um átimo de dor, de confusão, de humilhação, como quando Jesus repreendeu Marta por haver nela ruído de mais, agitação de mais, pretensão de mais, “já saber o que era necessário” de mais. É este o ponto! Carecemos de silêncio, de escuta, de desejo quando em nós domina a *pretensão de já saber o que é necessário*, a pretensão de já vivermos o que é necessário, o que nos basta, o que basta a mim e a todos, ou talvez a mim sem todos, ou a todos sem mim.

Escutar a única necessidade

Fazer silêncio não quer dizer reiniciar a vida. Isto, no fundo, nunca ocorre. Se no fim dos tempos Cristo nos pedir contas do que fizemos ou deixamos de fazer a um só de seus irmãos mais pequenos, se até os fios do nosso cabelo estão todos contados, se nem sequer o favor de um copo d’água será esquecido no céu, se cada palavra que dissermos será julgada, pois bem, nem mesmo nós podemos fazer silêncio esquecendo a vida. Mas a vida, mesmo agitada, mesmo desordenada, entra no silêncio quando escuta o que lhe é necessário, quando deixa que digam, como Marta aquele dia, que “uma só coisa é necessária”, que

só há uma “melhor parte” que jamais é tirada: “Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada”.⁷

Teríamos de viver o silêncio destes dias, ao menos como intenção, ao menos como desejo, como quando Marta, depois do chamado de atenção de Jesus, ficou lá, sem dizer mais nada, tocada e ferida por aquela palavra. E assim voltou para o fogo, para as comidas que estava preparando, para as tigelas que estava pondo na mesa, para o serviço a todos aqueles hóspedes que vieram com Jesus e invadiram sua casa. Não voltou como um cão que apanhou. Jesus não bate em ninguém. Jesus anuncia, Jesus educa, Jesus revela-se a si mesmo e, em o fazendo, revela-nos a nós mesmos. Marta voltou para a cozinha ferida, claro, mas sentindo imediatamente em si que aquela ferida lhe fazia bem, furava um abscesso, expurgava uma infecção que lhe envenenava o coração, a vida, os relacionamentos, até o relacionamento com Deus, com Jesus, o grande amigo deles. Havia algo errado e desordenado nela que a levava a irritar-se até com Jesus, coisa que jamais teria querido ou imaginado antes daquela noite, antes daquele escândalo.

Busquemo-lo, deixemos entrar em nós o silêncio de Marta, a escuta de Marta, a “melhor parte” que aquela noite Marta também escolheu, pode ser que primeiro com tristeza, talvez com vontade de gritar mais ainda do que antes, de ir embora batendo a porta. Mas calou-se. E deixou que a palavra de Jesus trabalhasse nela, trabalhasse-a por dentro, como um arado que torna a terra do coração fecunda, capaz de acolher a semente, capaz de dar fruto.

Nós precisamos do silêncio de Marta, e não só individualmente, mas também como comunidade, como Fraternidade, como Igreja. Precisamos dele para que nossa vida, e a vida da comunidade, a vida da Igreja, se torne fecunda, fecunda do que Cristo diz, do que Cristo quer, do que Cristo, o Verbo de Deus, é. Precisamos do silêncio de Marta para acolher até o fundo a presença de Cristo, que já nos alcançou a ponto de ficar lá sentado na nossa casa falando, a ponto de estar lá esperando jantar conosco, esperando dividir conosco a comida que estamos cozinhando para Ele, e depois a ponto de passar a noite na nossa casa, pois precisa descansar, e é nosso amigo, ama-nos assim, aprecia tanto a nossa companhia que escolheu nossa casa, nossa vida, nosso coração para descansar durante sua missão de salvação do mundo inteiro, durante sua vinda desde o Pai, e sua missão de voltar ao Pai fazendo-se homem para redimir a humanidade inteira! Ele vem descansar na minha casa! Entendem de que enormidade se trata?! De que coisa incrível se trata?!

⁷ Lc 10,41-42.

A sede da amizade com Cristo

Há uma estrofe de um hino latino para a memória de Santa Marta que sempre ecoa dentro de mim. De fato, é uma oração à santa para que divida conosco sua amizade com Cristo: “*Magistri felix hospita, / corda fac nostra ferveant, / ut illi gratæ iugiter / sint sedes amicitiae* (Ó hospedeira feliz do Mestre, / nos corações acendei o amor, / para que sejam eternamente / lar de amizade para o Senhor)”⁸

O Filho de Deus, encarnando-se, veio chamar nosso coração a ser para Ele “*sedes amicitiae* – lar de amizade”. Isto não só no coração de Maria sua Mãe, mas em todos os corações humanos alcançados pela presença e pelo amor d’Ele, inclusive o coração dos pecadores, como o de Zaqueu, a quem Jesus chamou a acolhê-Lo em sua casa para na verdade Ele ser acolhido em seu coração, em seu coração que, com a vinda de Cristo, primeiro se encheu de alegria, depois de arrependimento, por fim de amor que dá, que dá não só os bens aos pobres e aos roubados por ele mesmo, mas cheio também de um amor que reconhece e agradece Àquele que veio justamente para visitá-lo, justamente para sua casa, a fim de “procurar e salvar o que estava perdido”⁹.

Precisamos do silêncio de Marta para viver essa experiência, ou melhor: essa graça, esse acontecimento de Deus que vem fazer da nossa vida o lar da sua amizade. Temos de fazer silêncio para ouvir esta oferta da presença do Mestre.

O núcleo da questão

E o que Cristo nos diz? Espero que o escutemos nestes dias, espero e peço, para mim e para vocês, como espero que vocês também peçam para mim e para todos vocês. Mas esta noite, ainda pensando no episódio de Marta, pensemos na palavra que ela meditou em seu silêncio, que a encheu de silêncio e que encheu o seu silêncio: “Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada”¹⁰.

Pode ser – como eu estava dizendo – que a princípio Marta tenha ruminado essas palavras pondo a tônica na repreensão que percebeu nelas: “Marta, calma, você está muito agitada por mil coisas, não incomode sua irmã, deixe-se educar pela relação que sua irmã tem Comigo, você que sempre acha que é e principalmente *deve* ser a melhor, a mais indispensável...” Pode ser que no

⁸ “29 de julho. Memória de Santa Marta – Hino das Vésperas”, Liturgia das Horas.

⁹ Lc 19,10.

¹⁰ Lc 10,41-42.

início tenha meditado nisto com ressentimento e tristeza. Mas isso não fazia senão confirmar o juízo de Jesus, isto é, fazia sua agitação crescer. Ficar fixada naquelas coisas só a deixava mais inquieta e agitada.

Nós também, quando recebemos um julgamento, um olhar que nos revela uma posição inapropriada na nossa vida, um juízo que nos corrige, que no princípio não costuma ser claro para nós, é normal que a ferida nos doa, que talvez a cocemos. Mas é como quando recebemos uma injeção, uma vacina. Há a ferida, há a dor no braço, alguns sintomas, mas o propósito da injeção não é esse, o efeito da injeção não é o furo que faz na nossa pele ou o hematoma formado. O que foi que Jesus injetou em Marta ao feri-la superficialmente, ferindo o amor próprio dela? Que bem-estar Marta pôde perceber gradualmente depois daquela punção que a feriu? Quais palavras lhe fizeram bem, acalmaram-na, consolaram-na e foram tornando-a gradualmente mais feliz, com uma alegria nova que não vinha dela, mas das palavras de Jesus?

Se tirarmos do que Jesus disse a Marta as palavras sobre ela ou as sobre sua irmã, que núcleo sobra? Sobra o núcleo: “Uma só coisa é necessária”.¹¹

É essa a palavra que Jesus fazia questão que penetrasse nela, para que a meditasse, a assimilasse, para que lhe pudesse fazer bem, fazer bem à sua vida, curá-la, salvá-la, unificá-la tirando-a da dissipação. O sentido dessa palavra não é um tipo de higiene psicológica e espiritual, ou um convite para ela se comprometer em arrumar a sua vida, começando por domar seu gênio difícil. O sentido dessa palavra é o próprio Cristo, o sentido de Cristo para Marta, o dom de Cristo para Marta, que já era um dom compartilhado ainda antes que Marta o percebesse. O sentido dessa palavra é que *só Jesus responde ao desejo fundamental do coração e da vida*: o desejo de unidade, o desejo de encontrar um sentido que mantenha tudo unido, que mantenha todos unidos, que salve a comunhão, uma unidade que abrace a tudo e a todos, que nos mantenha unidos, abraçados pelo Tudo em tudo e em todos que é Deus, que é o Pai, que é Cristo, Cristo que é a encarnação da misericórdia do Pai, e portanto a encarnação do abraço do bom Pai, aquele que volta a acolher com alegria infinita o filho pródigo que volta para Ele.

Um tesouro já compartilhado

“Uma só coisa é necessária” – “Só é preciso uma coisa”.

Jesus, como eu disse, ofereceu a Marta essa palavra que a recompôs toda na única coisa necessária, que era o próprio Jesus, como dom já presente e

¹¹ Lc 10,42.

partilhado, como dom que Ele dá a todos. Sua irmã Maria já o estava acolhendo, e talvez seu irmão Lázaro também, e os discípulos que vieram com Ele e lotaram sua casa. Esse dom já era partilhado com aqueles que, desde a Virgem Maria até Marta, já o tinham recebido e acolhido. Já era partilhado com João Batista, Isabel, José, os pastores de Belém, Simeão e Ana, os Magos, e havia já algum tempo com André e João, Pedro, Filipe, Natanael, Mateus o publicano, e depois Maria de Magdala e as outras mulheres que já seguiam e serviam o Senhor. Mas não só: já era partilhado com milhares de pessoas, com fariseus e publicanos, com prostitutas, doentes de toda espécie e endemoniados. Já era partilhado com as crianças que pulavam aos joelhos de Jesus. Já havia todo um povo que compartilhava a única coisa necessária que Jesus oferecia a Marta.

E nós, e você, e eu? Quando essa palavra chega até nós, quando nos alcançou e continua a nos alcançar sempre de novo, sempre nova, pensem com que imensidão de pessoas nós já a compartilhamos. Dois mil anos de cristianismo, de santos e pecadores, de pecadores santos. Mas não é uma questão de números... Bastam duas ou três pessoas que descobrem ter em comum o fato de que Cristo é a resposta única, total e universal à necessidade do coração humano, para nos enchermos de espanto, espanto porque essa consciência ocorre em nós, ocorre em cada um de nós, em mim! em nós, que decerto não o merecemos mais do que bilhões de outras pessoas a quem ainda não aconteceu. Que espanto e que responsabilidade! Que gratidão e que contrição! Afinal, se você encontra na sua casa, comendo e bebendo com você, sentado onde você costuma sentar-se com seus irmãos para comer e bater papo todo dia, se você encontra na sua casa a única Realidade, a única Presença de que todo e qualquer coração humano precisa, de que precisam neste momento oito bilhões de corações que batem nesta terra... como pode não sentir uma vertigem de responsabilidade?! Porque, de um jeito ou de outro, você acaba tornando-se um devedor em relação a toda a humanidade pelo fato de lhe ser dado gratuitamente aquilo que todo o mundo, absolutamente todo o mundo! espera.

Abraçar a Cristo agora

Mas agora não precisamos pensar nisto. Quer dizer, agora ainda não temos de pensar nas pessoas a quem é dirigida essa Realidade. Agora temos de pensar na Realidade em si, pois está aqui, e se eu não a acolher, se eu não me abrir, então é inútil preocupar-me com a necessidade universal que a aguarda. O velho Simeão reconheceu imediatamente que aquele Menino era “a salvação para todos

os povos... luz para iluminar as nações”,¹² mas o fez pegando no colo aquele Menino, apertando-o contra si.

Então devemos entender, ajudar-nos a entender como é que essa palavra dita a Marta vem para nos salvar agora, a cada um de nós agora, na situação em que estamos hoje, agora, a vida de cada um de nós, a vida das comunidades, da Fraternidade, das Ordens, da Igreja e do mundo.

Ponhamo-nos no lugar de Marta, naquele dia, naquela noite. Pensemos em como se retirou de lá para o fogo onde estava cozinhando alguma coisa; pensemos em como precisou isolar-se com essa palavra que a feria. Primeiro – eu disse – provavelmente teve de deixar esfriar sua raiva por não ter sido escutada e compreendida por Jesus. Ao menos era a impressão epidérmica e sentimental que a invadiu no momento e a encheu de tristeza. Antes pelo menos podia estourar, como sempre fizera, e com isso desabafava, ficava livre do mau-humor e se sentia bem. Depois voltava às suas tarefas sabendo muito bem que seu desabafo não ia mudar nada, que sua irmã ou sei lá quem iam continuar como antes, como sempre. Mas pelo menos tinha desabafado, podia dizer a si mesma que dissera o que pensava, mesmo que nem sempre pensasse o que dizia...

Desta vez, Jesus fizera como que implodir a deflagração. A explosão foi como que subterrânea, de modo que, em vez de espalhar fragmentos e radiações num raio de milhares de quilômetros, a energia atômica fora invadir todas as covas subterrâneas do subsolo da humanidade de Marta.

Na realidade, Marta começou a dar-se conta de que aquela palavra de Jesus a revelava a ela mesma. Não superficialmente, não mostrando que ela era ansiosa e tinha a ambição de sempre passar uma boa imagem e dominar por conta própria todas as situações, e então todos os atores das situações em que estava vivendo. Isso ela já sabia, e provavelmente sua irmã e seu irmão já lhe tinham apontado milhares de vezes. Não, a palavra de Jesus revelava-lhe seu coração, que é bem diferente, bem mais profundo que sua psicologia superficial, que seu caráter e seu temperamento. Por outro lado, ela sabia que Jesus gostava do seu temperamento, que Jesus sempre olhava com simpatia para seu temperamento, provavelmente brincava com ele, e ela fingia que ficava ofendida, mas gabava-se por ter sido motivo de piada d’Ele, pois assim se sentia objeto do Seu afeto, sentia-se compreendida, abraçada. Caso contrário, Jesus não teria visitado com tanta frequência e tanto prazer aquela casa, tão dominada por Marta que o Evangelho não diz que Jesus fora hospedado por Lázaro ou Maria, mas por ela.¹³

Mas essa palavra de Jesus – “Marta, Marta... uma só coisa é necessária” – não era uma brincadeira, nem um pequeno sinal de impaciência em relação

¹² Cf. Lc 2,30-32.

¹³ Cf. Lc 10,38.

às agitações dela. Essa palavra revelava-lhe seu coração, expunha-o em sua necessidade profunda, essencial, total, e revelava-lhe que ela enganava essa necessidade profunda, essencial e total, não lhe fazia caso. Ou melhor: entulhava-o de coisas, de preocupações, de atividades, de julgamentos, de medos, de irritações, preconceitos, antipatias... como nós!

O coração é necessidade de Cristo

Que é o coração? Quando Jesus disse que só uma coisa é necessária, temos de perceber que “necessário” traduz um termo grego que por si só significa “carência”, “indigência”, “falta”. De fato, a nova tradução [italiana] diz: “Só é preciso uma coisa”. Nós, quando dizemos que uma coisa é necessária, pensamos principalmente no valor dessa coisa, e que é importante possuí-la, às vezes até vital. Mas não costumamos pensar no fato de que a necessidade dessa coisa é definida pela nossa carência, pela falta que dela temos ou que dela somos. A necessidade absoluta de Cristo tem para nós uma “definição” misteriosa, que está em nós, que somos nós, o nosso coração, o nosso coração que precisa d’Ele, o nosso coração que precisa apenas d’Ele, ao qual só Ele falta. Sem uma consciência de nós mesmos como necessidade, não podemos receber com verdade o dom de Cristo, o encontro no qual Cristo se revela para nós, tal como para Marta, como o Único necessário ao coração, o Único de que realmente precisamos, de que *somos* necessidade.

Como não citar o grande verso de Mario Luzi, que meditamos no Meeting de Rimini de 2015? “De que é falta esta falta, coração, que num repente dela ficas cheio?”¹⁴

Aquela noite, Marta fez exatamente essa experiência, sentiu-se preenchida por essa pergunta que o coração faz a si mesmo. Nosso coração é uma pergunta que *se* interroga, uma pergunta que nos enche de espanto antes de tudo como pedido, como falta. “Como assim?”, dizemos nós ao nosso coração. “Dou-lhe tudo, encho-o de tantas coisas, de tantos anseios e de tantas ansiedades, de tantas vaidades e presunções, de tantos julgamentos e pré-julgamentos, de tantas ideias geniais e de tantas besteiras... Como é que você pode precisar de mais ainda; como é que outra coisa pode preenchê-lo?! Como é que pode ficar cheio de um vazio, de uma falta, de uma necessidade tão imponentes, tão prepotentes a ponto de jogarem num segundo todas as outras coisas para escanteio? Como se todo o resto fosse apenas aparência,

¹⁴ M. Luzi, “Di che è mancanza...”, in Idem, *Sotto specie umana*, Milão: Garzanti, 1999, p. 190. Ver também M.-G. Lepori, *Si vive solo per morire?*, Sena: Cantagalli, 2016, pp. 117ss.

um fantasma, uma miragem, um dejetivo, lixo. Todo o resto me parecia tão importante! Como é que, de repente, como num golpe de espada, o desejo por outra coisa vem preenchê-lo?!”

Enquanto esperávamos este encontro, nós escutamos a *Divina Liturgia de São João Crisóstomo*, op. 31, de Sergei Rachmaninoff. No comentário que fez para a coleção *Spirto Gentil*, Dom Giussani enfatiza o trecho que ouvimos agora há pouco antes do início deste encontro, no qual por bons oito minutos o compositor repete “*Gospodi pomilui!* – Senhor, tende piedade!” Ele escreveu: “Por que, irmão Rachmaninoff, você nos faz repetir, por oito minutos, ‘Senhor, tende piedade’, *Gospodi pomilui?* Porque o nosso tempo não teve significado, não teve o significado que podia ter, falhou em relação a esse significado total que se chama Destino, ‘desmemoriou-se’ totalmente. O Destino não foi uma presença que plasmou algo, não influenciou nada, e tudo em nós nasceu da instintividade, da indolência que nos impediu de mover-nos, da irritação ou do ressentimento que quebra o chão e deixa vir a ira para o íntimo de nós mesmos, criando um turbilhão amargo que deixa ver a ira dentro de nós, mesmo sem proclamá-la ou expressá-la”.¹⁵

Este me parece ser exatamente o ponto de consciência ao qual Marta chegou aquela noite. Mas foi bem aí que o Destino a alcançou, até o fundo do coração, no “turbilhão amargo” do seu coração penetrado de irritação, de ressentimento, de ira.

O encontro que revela o desejo

No entanto, essa pergunta do coração a si mesmo, essa consciência do coração como pedido de Cristo, do coração como ferida que só Cristo pode aliviar e curar, não brotou na mente de Marta assim, de repente, sem que nada acontecesse. Essa consciência nasceu nela porque Marta encontrou Jesus aquela noite. Talvez já O conhecesse fazia tempo, talvez O tivesse hospedado muitas outras vezes, talvez já tivesse ouvido falar n’Ele, quem sabe por sua irmã, que provavelmente O encontrara antes dela e que talvez tenha sido a pecadora que lavara os pés de Jesus com suas lágrimas e recebera o perdão de seus pecados por muito ter amado.¹⁶ Conhecia-o, conviviam, gostavam um do outro, mas Marta ainda não tinha *encontrado* Jesus.

¹⁵ L. Giussani, “Perché la vostra gioia sia piena”, in *Spirto gentil. Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organização de Sandro Chierici e Silvia Giampolo, Milão: Bur, 2011, pp. 361-362.

¹⁶ Cf. Lc 7,36-50.

Como diz Dom Giussani na passagem que sugeriu o tema destes Exercícios, em *Dar a vida pela obra de Outro*, nas páginas 82-83: “Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar primeiro quando criança, depois quando jovem, etc. Podemos crescer, e essa palavra é mais que sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é experimentado realmente como presente; ao passo que Cristo deparou com minha vida, minha vida deparou com Cristo justamente para eu aprender a entender como é que Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. Cristo é a vida da minha vida. N’Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim evolui por amor das pessoas com quem Ele me pôs”.¹⁷

Para Marta, aquele dia, aquela noite, *ocorreu o encontro com Cristo, o encontro como acontecimento*. O Evangelho descreve no diálogo entre Marta e Jesus esse salto de consciência que define o verdadeiro encontro com Jesus Cristo. O encontro com Cristo que muda a vida toda ocorre quando um homem ou uma mulher se acham diante d’Ele tais como são, com toda a humanidade que os define, no bem e no mal, e não importa se há mais bem ou mais mal, não importa nem se há somente mal, o importante é que a pessoa esteja tal como é na frente d’Ele, na presença d’Ele. A pessoa pode ser puríssima como a Virgem Maria, ou um canalha como Zaqueu e o bom ladrão, ou uma mulher de vida desordenada como a Samaritana, ou um bruto de coração grande como Pedro, ou um fino intelectual como Nicodemos, ou um fariseu fanático e violento como Paulo... Não importa! O encontro ocorre quando um homem ou uma mulher, tais como são, estão diante d’Ele e nesse momento Jesus consegue fazer penetrar no coração deles, mesmo que só com um sussurro, quiçá só com um olhar, o grande anúncio que a vida toda espera: “Só eu sou necessário para você! Você precisa só de mim! Eu sou a plenitude de que a necessidade do seu coração tem sede!”

E aí, verdadeiramente, “*Abyssus abyssum invocat* – o abismo atrai outro abismo”, como diz o salmo 41,¹⁸ o abismo de misericórdia de Deus atrai, respondendo a ele, o abismo de miséria que é o coração do homem.

Marta viveu o encontro com Cristo aquele dia porque naquele dia seu coração foi transpassado a um só tempo pela consciência de sua vaidade, vacuidade, e pela surpresa de a plenitude daquele vazio estar ali, ser-lhe dada em Jesus.

Cada um de nós, e todos nós juntos, temos de começar daí, acolhendo esta noite a palavra de Jesus a Marta, o olhar de Jesus a Pedro – é o mesmo, pois se

¹⁷ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2022, pp. 82-83.

¹⁸ Sl 42(41),8.

trata sempre e somente do acontecimento de um encontro que vem afirmar-se, reafirmar-se sempre de novo como a única coisa de que o coração precisa, o nosso coração e o coração de todos os homens. Convido vocês a reviver na sua vida, no seu coração, na consciência do seu eu, no silêncio que bem ou mal conseguirão oferecer... convido-os a reviver esse diálogo entre Marta e Jesus em Lucas 10,38-42. Convido-os todos a ir reclamar com Jesus de tudo o que tiverem para reclamar, a respeito de si mesmos, de quem está ao seu lado, o marido, a mulher, os filhos, do trabalho, da saúde, da comunidade, da sua Fraternidade, do Movimento, da Igreja, do mundo inteiro... E depois os convido a deixar-se olhar por Cristo e a permitir-se ouvir, com as palavras que quiserem, com as palavras com que um dia Ele os encontrou, que o seu coração precisa de uma única coisa: Ele presente. Deixemo-nos chamar pelo nome, como Marta, como Abraão, como Moisés, ou Saulo de Tarso, com nosso nome repetido duas vezes, para voltarmos a nos dar conta da atenção com que Cristo nos olha e nos chama precisamente a nós mesmos, a mim mesmo em pessoa. E convido-os a constatar o que acontece em vocês, e em vocês na relação com tudo aquilo de que reclamaram, mesmo com razão. Isto é, convido-os a descobrir, ou a redescobrir, como a vida muda, a vida inteira, à luz do olhar d'Ele e da graça de termos consciência de que nosso coração precisa apenas d'Ele.

Amanhã vamos continuar a partir daí, a fim de retomarmos juntos o caminho para segui-Lo, reacendendo a consciência da plenitude de humanidade a que Cristo nos quer conduzir.

Agora vamos rezar juntos o *Memorare*.

Sábado, 30 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Johann Sebastian Bach, Credo, Missa em si menor; BWV 232

Karl Richter – Coro e Orquestra Bach de Munique (Archiv Produktion) Universal

Ângelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Mauro-Giuseppe Lepori

Nascer do encontro, crescer no seguimento

“Cristo deparou com minha vida, minha vida deparou com Cristo justamente para eu aprender a entender como é que Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *Cristo é a vida da minha vida*. N’Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim evolui por amor das pessoas com quem Ele me pôs. [...] Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida diária, companhia que é familiar e transforma tudo em bem: isto representa a eficácia d’Ele na minha vida”,¹⁹ disse Dom Giussani.

O encontro é um nascimento

Na noite do meu encontro com Cristo, dia 25 de fevereiro de 1976, quando entrei na casa de uma família de Comunhão e Libertação, imigrantes italianos da região de Friul que moravam na minha cidade, perto de Lugano – ele carpinteiro (como São José); sua mulher, que apenas três anos depois subiu ao Céu, cheia de fé e de letícia em Cristo, que realiza a vida; e seus três filhos –, aquela noite, no arco de duas horas, primeiro me invadiu uma tristeza muito profunda, depois uma alegria que eu jamais experimentara. Como escreveu Dom Giussani, eu tinha ouvido falar de Jesus desde pequeno e, com quase 17 anos, ainda permanecia católico, sem dúvidas específicas de fé ou de moral, mas, como sempre disse Giussani: “Podemos crescer, e essa palavra é mais que

¹⁹ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit. pp. 82-83.

sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é experimentado realmente como presente”.²⁰

É este o problema, o verdadeiro problema da vida, da vida cristã, da vida da Igreja, da missão da Igreja. Se Cristo não for encontrado, se não for realmente experimentado como presente, é como se não existisse, e é como se não tivesse nenhum sentido a Igreja existir.

Aquela noite, naquela casa, com aquelas pessoas, toda a minha vida ganhou sentido, toda a minha fé, minha família católica, a paróquia, os párocos, os catequistas, os escoteiros, enfim, toda a Igreja a que eu pertencia desde o meu nascimento. E tudo se dava essencialmente entre meu coração, decerto insatisfeito mas pouco consciente da natureza de sua insatisfação (Marta também já vivia uma insatisfação quando reclamava de sua irmã e das tarefas que tinha de fazer sozinha!), tudo se dava entre meu coração insatisfeito e a evidência de uma Presença que dizia também a mim: “Mauro, Mauro, veja que você só precisa de mim! E eu existo, estou aqui, todo para você para preencher seu coração a ponto de dilatá-lo numa alegria que você nem podia imaginar”.

Encontrar Cristo realmente presente é um nascimento, é um parto. Por isso – mas só o entendi anos depois, quando escrevia sobre isso a Dom Giusani – naquela noite passei de um abismo de tristeza para uma alegria total porque nasci! Como disse Jesus na Última Ceia: “Vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. A mulher, quando vai dar à luz, fica angustiada, porque chegou a sua hora, mas, depois que a criança nasceu, já não se lembra mais das dores, pela alegria de um ser humano ter vindo ao mundo”.²¹

Depois alguém, como eu, pode negar milhares de vezes, passar mil vezes por esse parto que só vai acabar quando tiver nascido para a vida eterna em Cristo no dia de sua morte, mas o encontro decisivo, aquele dia, aquela hora, ficará fixo como o dia do seu nascimento, um início que nada mais poderá apagar, um “amor primeiro”, como diz o Apocalipse,²² que podemos até abandonar e trair, mas que não podemos eliminar. Permanece na vida como um juízo que chama a uma conversão contínua, mas um juízo cheio de ternura, como quando Jesus se virou e olhou para Pedro no pátio do sumo sacerdote,²³ e Pedro reviu nesse olhar o imenso e eterno primeiro amor de seu encontro com Jesus. E isso ele não podia negar. Negara Jesus em Sua ausência, diante do rosto indagador do porteiro e dos guardas, mas

²⁰ *Ibidem*, p. 82.

²¹ Jo 16,20-21.

²² Ap 2,4.

²³ Lc 22,61.

não conseguia negá-Lo na frente do próprio olhar d'Ele, isto é, *no acontecimento presente do amor de Cristo por ele*. Porque naquele olhar cheio de ternura, cheio de misericórdia, estava toda a realidade de Pedro, aliás: toda a realidade em absoluto. O que pode haver para nós fora do olhar cheio de amor do Senhor, que nos ama, que nos faz, que nos chama, que nos envia, que nos perdoa?! Se Jesus tivesse negado Pedro naquele momento, Pedro se teria desfeito. Porque Pedro não existia para Cristo apenas existencialmente, mas ontologicamente. Mas em sua existência ocorrera um encontro, nascera uma amizade que lhe permitiu tornar-se consciente existencialmente do relacionamento que o gerava, uma amizade que o fazia viver sua ontologia, o seu ser, numa relação.

Desculpem-me se uma única vez nestes Exercícios cito uma cena do meu livro *Simão, chamado Pedro*, pois é a cena que fala deste mistério, e eu não conseguiria falar dela melhor do que consegui falar há mais de vinte anos nesse livro, que ainda não sei de onde veio:

“Pedro sentiu-se perdido. Tremia e olhava cada um dos que vinham sondá-lo de perto apontando o dedo acusador contra ele. Desesperado, berrou e jurou: ‘Não sou da parte dele! Não sou o que estão dizendo! Não conheço esse homem!’

Os guardas estavam prestes a prendê-lo, mas bem naquele momento dignatários e guardas saíram com Jesus acorrentado no meio deles; assim, sem querer, Pedro acabou gritando sua última negação não voltado para as faces mal-encaradas e ameaçadoras dos guardas, mas fixando Jesus, que por sua vez o fixava. O dia já estava suficientemente ensolarado para que o olhar do Senhor atingisse Simão com toda a sua profundidade.

Por um instante – mas quanto dura um instante sob o olhar do Eterno? – tudo desapareceu em volta de Pedro. Os guardas, as criadas, o pátio e o palácio do sumo sacerdote, o fogo, o frio... tudo desapareceu. Não havia nada mais além do olhar de Jesus, e nesse olhar, à luz desse olhar, Pedro reviu tudo o que vivera com o Mestre: o lago, o barco, a primeira pesca, e voltou a ouvir todas as palavras do Senhor e as suas palavras a Ele: ‘Vai mais para o fundo’; ‘Mas por tuas palavras...’; ‘Afasta-te de mim, porque sou um pecador!’; ‘Doravante serás pescador de homens’; ‘Tu te chamarás Cefas’; ‘Manda-me ir sobre as águas até junto de ti’; ‘Senhor, salva-me’; ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’; ‘Bem-aventurado és tu, Simão...’; ‘Longe de mim, satanás!’; ‘É bom estarmos aqui’; ‘Por mim e por ti’; ‘Quantas vezes devo perdoar?’; ‘A quem iremos, Senhor?’; ‘Nunca me lavarás os pés!’; ‘Eu darei minha vida por ti’; ‘Ficai aqui e vigiai comigo’; ‘Simão, estás dormindo?’; ‘Põe a espada na bainha. Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?’; ‘Não cantará o galo, antes que me tenhas negado três vezes’...

Mas todas essas frases, todos esses acontecimentos não eram, aos olhos de Jesus, senão uma história de amor, e talvez pela primeira vez Pedro entendeu, aliás, viu o quanto Jesus o amava, o quanto lhe era amigo. As palavras da sua negação – ‘Não conheço esse homem!’ – reverberavam como um eco nos olhos cheios de amor e de sofrimento do Mestre, e caíam no coração de Simão como sal numa ferida. Jamais amara de verdade o amor de Jesus, e experimentou em seu próprio coração toda a solidão e todo o abandono de seu único Amigo e Pai. Não, não eram os judeus nem eram os romanos que feriam Jesus aquela noite, mas ele, Pedro! O abandono dos amigos é uma ferida mais amarga que a hostilidade dos inimigos.

Agora Pedro realmente daria a vida pelo Senhor. Agora entendia que estava disposto a perder tudo por Ele. E neste instante sem fim – que nunca terá fim – os olhos de Simão pediram a Jesus para poder morrer com Ele. E neste instante sem fim o olhar do Senhor respondeu-lhe: ‘Não agora!’ Mais tarde!’ E neste instante sem fim Pedro não levantou nenhuma objeção e aceitou o dom da impotência, o dom de não poder fazer nada, o dom do fracasso de sua vontade, a graça da impotência de seu amor. Simão, chamado Pedro, acolheu a ferida do olhar não amado de Jesus e sentiu jorrar em seu coração uma fonte amarga.

O galo cantou.

Jesus já não estava lá.

Pedro já estava fora, derramando por Jesus o sangue de suas lágrimas”.²⁴

Nascemos para crescer

Mas então, como é que o encontro que nos faz nascer, e em relação ao qual somos estruturalmente imaturos, igual a qualquer criança que nasce, como é que o encontro cresce, nos faz crescer, amadurecer? Se o encontro com Jesus não nos fizesse crescer, se não nos levasse para além de nós mesmos, além da casca de insatisfação em que a reclamação encerra o nosso eu, de que adiantaria esse encontro? Giussani, nesta breve mas intensíssima confissão do acontecimento de Cristo em sua vida, põe logo em destaque que o encontro com Jesus, que se revela como vida da nossa vida, é um nascimento ao qual se segue, como em qualquer outro nascimento, *um crescimento*, um caminho, uma transformação, uma evolução, um aprendizado: “Minha vida deparou com Cristo justamente *para eu aprender...*”; “N’Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim *evolui* por amor das pessoas com quem Ele me pôs. [...] Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e

²⁴ M.-G. Lepori, *Simone chiamato Pietro*, Sena: Cantagalli, 2015, Cap. XIII, pp. 84-86.

companhia para a vida diária, companhia que é familiar e *transforma tudo em bem*: isto representa a eficácia d'Ele na minha vida".²⁵

Sim, há uma eficácia de Cristo em nossa vida, e o trabalho todo de conversão e seguimento consiste em deixá-la agir, como que para permitir que o Senhor nos recrie e remodele em nós o novo e verdadeiro Adão, cujo barro é, por assim dizer, a nossa vida, nossas relações, nossas capacidades e nossas fragilidades, ou seja, a matéria que do batismo em diante volta para as mãos do Cristo Pantocrator, o Senhor que tudo pode, cuja eficácia é total e infinita, e que nos restaura, nos renova.

“Eis que faço novas todas as coisas”, diz o Senhor no capítulo 21 do *Apo-calipse*.²⁶ Faz novas todas as coisas começando por nós, por nós mesmos, principalmente por nós, por mim, pelo meu coração atraído por Ele, pois de nada mais preciso além d'Ele.

A Pedro, que sentiu até o extremo a imaturidade total de seu relacionamento com Cristo, a ponto de negá-lo por pura covardia – e isso depois de ter vivido por três anos com Ele dia e noite! –, o que o Senhor ressuscitado lhe vai propor a fim de conduzi-lo à maturidade e à autoridade supremas do Pedro descrito nos *Atos dos Apóstolos*, um homem que não temeu testemunhar Cristo no meio das praças, nos tribunais, na prisão, em Jerusalém, em Antioquia, em Roma, até o martírio? O que o Ressuscitado vai propor a Pedro a fim de conduzi-lo a uma identificação com Ele tamanha, que ele será capaz de curar os doentes só com sua sombra?!²⁷

Tudo está resumido e condensado no último diálogo entre Jesus e Pedro no Evangelho de João, no capítulo 21,15-19, e esse diálogo está todo resumido em duas palavras de Jesus: “Tu me amas? Segue-me!” É seguindo com amor o Cristo presente que o encontro com Ele cresce, nos faz crescer, torna-se fecundo.

Lembremo-nos da carta de Dom Giussani de 22 de fevereiro de 2002 que citei ontem: “Seguir a Cristo, amar a Cristo em tudo: é o que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso caminho”.²⁸

Marta, Marta!

Voltemos ao exemplo de Marta, que nos ensina muito a respeito da dinâmica de conversão que o encontro com o Único de que precisamos determina. Que

²⁵ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit. pp. 82-83; destaques nossos.

²⁶ Ap 21,5.

²⁷ Cf. At 5,15.

²⁸ Ver aqui nota 4, p. 10.

caminho começou para ela aquela noite? Que impacto teve a palavra de Cristo que ela se retirou para meditar em silêncio? A princípio, pode ter-se retirado para resmungar, murmurando, mas depois, sobretudo, para meditar. Porque aquelas palavras de Cristo tinham em si uma doçura misteriosa, uma ternura para com ela que ela nunca experimentara.

“Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária.”²⁹

Jesus repete duas vezes o nome dela. Que atenção exprime por ela! Que estima! É exatamente como quando Deus chamou Abraão para pedir-lhe que sacrificasse Isaac,³⁰ ou quando chamou Moisés na sarça ardente,³¹ ou seja, nos momentos cruciais da história da salvação. Ou então, é como quando Cristo chamou Saulo de Tarso, todo mergulhado na sua louca missão de perseguidor: “Saul, Saul, por que me persegues?”³² Marta também está diante do Deus que te pega no lugar mesmo onde você acha que possui sua própria vida, e aí mesmo te pede uma preferência por Ele. Abraão, naquele momento, tinha certeza de que possuía sua descendência para sempre. Moisés encontrava Deus na sarça ardente, e Paulo tinha certeza de que estava fazendo o que era mais certo e verdadeiro, o que um homem pode fazer de mais certo e verdadeiro. É aí mesmo, onde você acha que possui sua própria vida, aí mesmo é que Jesus lhe pede uma preferência por Ele. Aliás, mais que pedir, ele a propõe. E há imediatamente uma atração misteriosa nesse propor-se de Deus como o Tudo da sua vida, como a Vida da sua vida. Por isso, Abraão obedece até mesmo à proposta de sacrificar seu filho; Moisés tira as sandálias e aproxima-se da sarça ardente; Saulo deixa-se conduzir como uma criança, confiando-se precisamente à pequena comunidade cristã de Damasco que ele queria destruir.

Para Marta é o mesmo chamado; embora feito no seu dia a dia, é o mesmo chamado. Que diferença de valor pode haver entre o chamado de Abraão ou Moisés e o dessa mulher atarefada na cozinha, se o chamado vem do mesmo Senhor e Deus? Pelo contrário! Eu diria que para Marta o chamado é ainda mais extraordinário, pois o Eterno não a chamou do Céu ou de uma sarça ardente, nem do monte Sinai, mas está sentado na sua casa, é ali que Ele fala, um homem como nós, cansado e suado, com os pés empoeirados, que depois vai pôr-se a comer como nós. Isso é mais extraordinário que a sarça ardente; mais extraordinário que o monte Sinai fumegando e tremendo, e fazendo tremer.

²⁹ Lc 10,41-42.

³⁰ Gn 22,1.

³¹ Ex 3,4.

³² At 9,4. *Saul*: a “voz” pronuncia o nome em hebraico. Saul é o nome do primeiro rei de Israel, da tribo de Benjamim, como Saulo. (N.d.T.)

Como disse Jesus referindo-se a João Batista: “O menor no Reino dos Céus é maior do que ele”.³³ Somos maiores porque é mais extraordinária a proposta que Deus nos faz no Filho encarnado, é mais extraordinária a proposta como Deus no-la faz no Filho encarnado, que nos faz então na carne, no dia a dia da nossa existência humana. A cozinha de Marta, como antes no quarto ou gruta da Virgem Maria de Nazaré, é um lugar mais sagrado que os carvalhos de Mambré para Abraão, que o Sinai para Moisés, que o Horeb para Elias. Porque nunca Deus estivera tão presente como em Jesus Cristo. “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós”,³⁴ veio literalmente “acampar” ou montar sua tenda entre nós, para encontrar-nos de perto, familiarmente, dentro da nossa vida, e oferecendo-nos assim em si mesma, com uma simplicidade desarmante, tudo aquilo para o qual o coração é feito, do qual o coração de cada homem da história humana é feito.

A grande decisão

Quando alguém é surpreendido por isso, por esse acontecimento, como Marta aquela noite pelas palavras de Jesus, o que ocorre? O que deve fazer? Que reação é pedida à liberdade provocada e atraída por tamanha proposta de plenitude da parte de Deus?

Para Marta também começa então um caminho, um seguimento. O Eterno revelou-lhe que Ele é Tudo não só em si (isso os pagãos também sabem!), mas *para ela*, justo para ela – “Marta, Marta!” –, assim como para Maria e Lázaro, como para Pedro e os demais apóstolos. Jesus é Tudo justamente para ela!

Mas quando Cristo se revela a nós como o Único necessário, como o Único de que precisamos, isso requer antes de tudo uma decisão. Pois, se é verdade que é só d’Ele que eu preciso, então já não posso separar-me d’Ele. Se isso é verdade, então não posso deixar de verificá-lo. Se não o fizesse, se não verificasse que Ele se dá a mim como tudo aquilo de que preciso, fazendo-me perceber isso com a ressonância misteriosa que Seu olhar, Sua voz e Sua palavra me fazem sentir no coração, se não verificasse isso, eu trairia a mim mesmo, trairia toda a sede de felicidade, de verdade, de beleza e de amor com que meu coração me atormenta desde meu nascimento, e talvez até antes ainda do nascimento. Se eu não verificasse a totalidade de Cristo para mim, viveria toda a minha vida com uma sombra de tristeza, a tristeza do jovem rico³⁵ descrita em

³³ Mt 11,11.

³⁴ Jo 1,14.

³⁵ Mc 10,17-22.

todos os Evangelhos sinóticos e particularmente em Marcos 10, uma sombra que deixaria tudo cinza, todos os meus bens, tudo o que antes ficava aberto a um desejo de plenitude, mas que agora se torna apenas sufocamento do desejo do meu coração, como um túmulo onde me deixo enterrar vivo.

Antes de encontrar Jesus e dizer-lhe não, as riquezas e a retidão moral do jovem rico (que realmente disse: “Obedeci a todos os mandamentos, o que me falta?”) davam corpo ao seu desejo de vida eterna, apontavam para Cristo, gritavam sua própria insuficiência em satisfazer a sede do coração, de modo que eram bens e virtudes que o impeliavam para um ponto misterioso que o coração intuía, mas cujo rosto ainda era misterioso, pois ele ainda não o encontrara. Até aquele dia, as riquezas, os talentos e as virtudes morais desse jovem não eram fechados, não freavam, mas impeliavam o anseio do coração para algo infinito. Mas depois veio o encontro, Jesus o olhou com amor e também a ele disse, com outras palavras, o mesmo que dissera a Marta: “Só eu te posso bastar! Só de mim é que teu coração precisa!” E Jesus não fazia nada além de indicar ao jovem que, se ele precisava deixar seus bens, seus talentos e suas virtudes, não era porque fossem um mal, ou defeitos e vícios, mas simplesmente porque tinham cumprido seu propósito e sua realização no encontro com Cristo. Agora já tinham concluído sua tarefa de fazê-lo desejar uma realização que eles mesmos não garantiam nem produziam. *A tragédia desse jovem foi não seguir.* Não foi não ser capaz de abandonar seus bens, mas foi não seguir a Cristo, não ficar com Ele, não reconhecê-Lo de verdade como a única coisa de que ele precisava.

Ele viveu o encontro, mas não abraçou o seguimento. No encontro, certamente ocorrido (senão, por que iria embora tão triste?!), não se segue – desculpem-me o jogo de palavras – o seguimento. Não seguir a Cristo não significa que o encontro não ocorreu; significa que o encontro não continuou, foi abortado, não se tornou comunhão com Jesus, não se tornou familiaridade com Ele, amizade; não se tornou um caminho com Ele. A tristeza ruim, a que nos sufoca o coração, é a decepção do nosso coração ao entrever sua plenitude, a satisfação de seu desejo mais profundo, e tê-la arrancada por nós mesmos (em si mesma, esta também é uma tristeza boa, pois é boa no coração, é verdadeira no coração). É como tirar um recém-nascido da mãe: a criança perde o desejo de viver, de crescer, de avançar no caminho da vida.

É como se a liberdade se dissociasse do desejo do coração. Este é o verdadeiro drama do jovem rico e de todos os que, encontrando Cristo, não O seguem. Não digo que encontrando Cristo não virem santos imediatamente, mas que não ficam apegados a Ele, mesmo com todos os pecados, mesmo com as riquezas das quais não conseguem separar-se. Mas pelo menos permanecem apegados a Ele. É como se a liberdade se dissociasse do desejo do coração. O

coração encontra, deseja, quer abraçar... mas a liberdade, ou o que achamos ser a nossa liberdade, por um cálculo de si inconsciente, por um temor provocado por fantasmas e falsas projeções, diz que não e impede o abraço. Então essa falsa liberdade cai vítima de si mesma, arrasta consigo o coração-menino que estava prestes a abraçar Jesus, impondo-lhe autoritária e despoticamente outros caminhos para outras plenitudes, que acabarão por revelar-se todas falsas, tanto os caminhos quanto as plenitudes.

Pastores da vida

Há muitos anos, em 20 de fevereiro de 1995, estive no leito de morte do bispo Eugenio Corecco – o padre que, ao conhecer Dom Giussani quando era um jovem professor, introduziu o movimento Comunhão e Libertação na Suíça – na companhia do próprio Dom Giussani, que viera comigo aquele dia para visitá-lo pela última vez.³⁶ Ele queria voltar, mas Dom Corecco morreu nove dias depois. Uma vez que o bispo não conseguia ficar acordado, sedado que estava por causa das fortes dores, durante uma hora eu e Dom Giussani conversamos sobre a vida, sobre a morte, sobre o limite, sobre a caridade, sobre tudo. Talvez tenha sido, ou melhor, com certeza foi a hora mais intensa da minha vida, na presença desses dois santos amigos e pais, diante do espetáculo da comunhão deles no fio entre a vida e a morte, entre a vida terrena e a vida eterna. Quando o bispo Eugenio se desculpou por sua sonolência dizendo: “Desculpem, hoje para mim está difícil”, Dom Giussani disse: “É a experiência do limite. Mas o limite está vencido. Cristo venceu o nada!” E enquanto Corecco voltava a cair no sono, Dom Giussani disse-me, encarando nosso amigo no fim da vida, que para ele a página mais impressionante da Bíblia era o primeiro capítulo do Livro da Sabedoria, e que principalmente o final o marcava, onde se diz que o homem escolhe a morte, embora Deus escolha a vida para ele: “Pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a perdição dos vivos. Ele criou todas as coisas para existirem, e as criaturas do orbe terrestre são saudáveis: nelas não há nenhum veneno mortal, e não é o Hades que reina sobre a terra, pois a justiça é imortal. Os ímpios, porém, chamam a morte com gestos e palavras: considerando-a amiga, perderam-se e fizeram aliança com ela: de fato, são dignos de pertencer ao seu partido”.³⁷

Parece a fotografia de boa parte da cultura dominante no mundo de hoje, amiga da morte, que deseja a morte como se fosse amiga, como se fosse uma

³⁶ A. Moretti, *Eugenio Corecco: la grazia di una vita*, Siena-Lugano: Cantagalli-Eupress FTL, 2020, pp. 295-296.

³⁷ Sb 1,13-16.

realização da vida. É o juízo amargo que o Salmo 48 expressa em relação a quem vive para ganhar o mundo inteiro sem dar ouvidos ao verdadeiro desejo da alma, do coração: “A própria morte é o pastor que os apascenta”³⁸

Eu disse então a Dom Giussani que isso me fazia pensar numa frase de Jesus aos judeus, uma frase cheia de tristeza, como quando Ele chorou por Jerusalém: “Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida!”³⁹

E ali, no olhar desse velho padre, já fragilizado pela doença, mas vivíssimo de coração e de espírito, eu vi e entendi o que é a caridade. A caridade daqueles dois homens que eu tinha na minha frente, e de todos aqueles que na minha vida pude reconhecer como amigos e pastores de vida, não de morte. A caridade universal de todos os papas que nos foram dados até Francisco. A caridade de pastores que, diante de todo e qualquer homem, de toda a humanidade, diante da cultura que segue a morte por ser guiada por mercenários que não se importam com as ovelhas, não se resignam, não cedem às seduções da morte, não aceitam tê-la como amiga, como diz o Livro da Sabedoria. São pastores, são pais, são mães que morrem antes de renunciar a ser pastores da vida, pastores que conduzem para a vida, que conduzem para Cristo para todos poderem ter a vida n’Ele, e tê-la em abundância. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”, diz o Bom Pastor em João 10,10.

Dentro do grande drama da humanidade

Este é o grande drama da humanidade no qual nós também somos chamados a decidir, nós em primeiro lugar, conscientemente, e nós também pelos outros, como protagonistas indignos mas reais de um amor pelo homem, de uma paixão pelo homem que é toda de Cristo. O grande drama é que a Vida existe, veio, está aqui, podemos encontrá-la, mas podemos decidir não ir até ela, podemos não decidir ir até ela, podemos não segui-la, não aceitar sua proposta embora o coração a reconheça fascinante, como a única coisa de que precisa.

Portanto, a escolha vital, para todos, independentemente do estado de vida ou da forma vocacional, a escolha vital é entre viver com Cristo ou sem Ele, entre viver seguindo Cristo ou viver afastando-se d’Ele.

Essa escolha vital não é a escolha de uma “vocação específica”, como se diz. É *a decisão fundamental do cristianismo*, é a escolha pedida a todos os batizados, de mil modos, ou melhor, em de modos, tantos quantos sejam os homens e as mulheres. Pois se trata do próprio Cristo, do que Cristo é em si

³⁸ Sl 49(48),15.

³⁹ Jo 5,40.

mesmo e para nós. É uma decisão diante do ser, do Ser mais ser que existe, do “EU SOU” revelado no Sinai a Moisés, mas que, como eu dizia, se tornou presença cotidiana em Cristo, que veio para nos dizer: “EU ESTOU CONVOSCO todos os dias [então também hoje, 30 de abril de 2022, aqui ou aí onde cada um de vocês está], até o fim dos tempos”!⁴⁰ É impressionante que o Evangelho segundo Mateus termine assim, com essas palavras, pois quer dizer que o Evangelho não termina nunca, continua todos os dias, até o fim dos tempos!

Mas aquilo que Jesus é em si mesmo, o EU SOU de Jesus Cristo, fazendo-se homem, vivendo como homem, morrendo na cruz, ressuscitando da morte, é todo para nós, é todo para salvar-nos, é todo para doar-se a nós como Aquele de que temos absoluta necessidade, como Aquele que responde a toda a necessidade do nosso coração, da nossa vida, das nossas relações, do nosso trabalho, do prato que estou cozinhando como Marta, da noite pescando em vão que, como Pedro, passei com meus companheiros... Cristo doa-se a nós como o único que responde a toda a necessidade de toda a nossa humanidade.

O encontro com Cristo dá e propõe isto, ou seja, tudo. Então a liberdade é posta diante de uma escolha por Cristo que não se limita à sua palavra, à sua doutrina, ao seu exemplo para imitarmos, ao seu amor pelos pobres, aos milagres que pode fazer, e tudo o que quiserem. A escolha por Cristo é a escolha por Ele na totalidade da Sua Pessoa, ou seja, a escolha por Ele presente, por Ele que pede para estar presente na minha vida toda, ou seja, que pede para ser acolhido.

“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei na sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo.”⁴¹

Se tivéssemos consciência do que isso significa, se tivéssemos consciência de que essa palavra de Cristo no Apocalipse não é uma imagem bonitinha e piedosa, mas a descrição real da sua relação conosco, comigo... deveríamos tremer ao pensar no quanto negligenciamos uma oferta assim, que é a oferta de tudo, do Tudo, que está à minha porta como um mendigo que vem pedir algum dinheiro, quando na verdade *vem pedir-nos para nos dar a vida*, dar realização ao nosso coração e a tudo o que compõe, tece, molda a minha existência, até cada um dos fios de cabelo da minha cabeça.

Graças a Deus, fomos criados no tempo, não somos anjos que por um instante de decisão errada e orgulhosa nos tornamos demônios para sempre. E então o Senhor concede-nos fazer a escolha e refazê-la, tomá-la e retomá-la continuamente, renová-la continuamente. Ele sabe que, se não Lhe abrimos a porta, vivemos sem sentido, sem a Vida da nossa vida, e Ele não se conforma

⁴⁰ Mt 28,20.

⁴¹ Ap 3,20.

com isso, sempre volta a procurar-nos, sempre volta a bater... Eu tenho certeza de que o jovem rico era o próprio São Marcos, que se converteu, que voltou para Jesus, pois Jesus não se conformou com vê-lo partir assim. De fato, imediatamente após o episódio do jovem rico, Jesus corre para a Paixão, porque quer salvá-lo, assim como quer salvar todos os homens.

Porém quem adere, quem bem ou mal começa a segui-Lo e passa a querer ficar apegado a Ele em cada passo da vida, cresce! Cresce na vida, cresce em sua humanidade, cresce em tudo o que a presença de Cristo torna diferente, mais bonito, mais alegre, mais intenso, mais maduro, mais manso e humilde, mais corajoso, mais capaz de ternura, de paz ou de coragem para afirmar com decisão a verdade e a justiça, para afirmá-Lo, a ponto de morrer por Ele. Quem adere e O segue cresce naquela santidade que é a plenitude de humanidade que a presença e o amor de Cristo possibilitam a todos, em qualquer estado de vida, em qualquer condição. Não há nada de humano ao qual Cristo não tenha vindo para dar redenção e cumprimento. Por isso só precisamos d'Ele.

E que maravilha ver esse crescimento de humanidade verdadeira entre nós. Que maravilha maior ainda vermo-nos a nós mesmos mudados, mudados justamente na amizade com Ele, ainda que a miséria permaneça e até cresça com o tempo e a idade. Porque a verdade humana do santo é tão verdadeira, tão baseada só em Cristo, que não lhe importa continuar por muito tempo, ou até para sempre, convivendo com suas próprias fragilidades, fraquezas e também pecados. O santo vive com verdade até o próprio pecado, santifica-se também por meio do próprio pecado – posso estar dizendo uma heresia; mas o Papa também diz isso! –, como Pedro, que chorou amargamente. Porque a consistência da santidade cristã não está em nós, não está no homem, não está no santo. A consistência da santidade é o apego a Outro, e tudo vem d'Ele, tudo *subsiste* n'Ele, como o expressa São Paulo no cântico do primeiro capítulo da carta aos Colossenses.

“Tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência. Ele é a Cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio, Primogênito dentre os mortos [Cristo, vida da vida!], de sorte que em tudo tem a primazia. Pois Deus quis fazer habitar nele toda a plenitude [de todo o universo, mas sobretudo do meu coração, do coração de Marta, do coração de todos] e, por ele, reconciliar consigo todas as coisas [desde as tarefas dispersas de Marta e a relação com sua irmã, até a guerra na Ucrânia e a relação entre russos e ucranianos], estabelecendo a paz [como é cheio de significado este termo hoje!] por seu sangue derramado na cruz, tanto na terra como no céu.”⁴²

⁴² Col 1,16b-20.

Tudo se enfileira atrás de Cristo

Mas é como se esse papel cósmico e universal de Cristo tivesse de começar pela cozinha de Marta, pelo barco de Pedro, pelo posto de arrecadação de impostos de Mateus, como começou antes na casa de Maria de Nazaré, na oficina de São José, no estábulo de Belém para os pastores... Toda essa recomposição do universo, misteriosamente, por escolha d'Ele, do Verbo de Deus, iniciou ou quis ter início por mim, por nós, pelo encontro com cada um de nós, e se ao encontro se segue um abandono à sua atração, se ao encontro reagimos com um abandono à sua atração que nos faz decidir estar com Cristo sempre de novo, passo após passo, circunstância após circunstância, encontro após encontro, traição após traição, então a vida inteira se torna uma caravana de relações, de momentos, de gestos e experiências que se enfileiram atrás de Cristo, que seguem Jesus. Pois quem O segue é o coração, porque o coração sentiu o chamado fundamental e suficiente para justificar qualquer outra escolha, qualquer outra renúncia, qualquer possível sacrifício ou abraço: “Marta, Marta, só eu sou necessário para ti, só eu realizo infinita e eternamente o desejo do teu coração!”

Esse seguimento dilata o eu. São Bento fala desse amadurecimento no início da Regra para que os monges que a forem seguir entendam que toda a disciplina que ela comporta, todo o esforço de conversão que ela exigirá, tudo é para um crescimento da pessoa em sua capacidade de amar com liberdade a Deus e aos irmãos, e de acolher assim a dilatação do coração que Cristo promete e dá a quem O segue.

São Bento escreve: “Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor”. Ele cria comunidades que ensinam a servir e, principalmente, a seguir o Senhor. “Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa [como com as crianças... de vez em quando temos de ser rigorosos se quisermos que cresçam], ditada por motivo de equidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade, não fuja logo, tomado de pavor, do caminho da salvação [como o jovem rico], que nunca se abre senão por estreito início. Mas, com o progresso da vida monástica e da fé [ou seja, no seguimento de Cristo], dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus”.⁴³ Quem adere, quem segue, passo a passo, a certa altura percebe que está correndo, que tem a energia para correr, pois tem um coração dilatado pela doçura inenarrável do amor, da caridade, pois se sente amado.

⁴³ RB Prólogo, 45-49.

Um eu humilde e certo

Quando lemos o episódio da ressurreição de Lázaro, no capítulo 11 de São João – cena que evidentemente transcorre depois da narrada por Lucas, provavelmente uns dois anos depois –, o mais impressionante é que encontramos uma Marta certamente caracterizada por seu temperamento de sempre, mas com um eu infinitamente mais maduro, mais ardente e pacato ao mesmo tempo.

“Quando Jesus chegou, encontrou Lázaro sepultado havia quatro dias. Betânia ficava perto de Jerusalém cerca de uns quinze estádios. E muitos judeus tinham ido consolar Marta e Maria pela morte do irmão. Logo que Marta soube da chegada de Jesus, foi ao encontro dele, enquanto Maria ficou sentada, em casa [nada mudou, psicologicamente continuaram as mesmas: uma trabalha e a outra fica sentada]. Marta, então, disse a Jesus: ‘Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mesmo assim, eu sei que, quanto pedires a Deus, ele te concederá’. Jesus respondeu: ‘Teu irmão vai ressuscitar’. Marta disse: ‘Eu sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia’. Então Jesus declarou: ‘Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto?’ Ela respondeu: ‘Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo’. Tendo dito isso, ela foi chamar Maria, sua irmã, e lhe disse baixinho: ‘O Mestre está aí e te chama’.”⁴⁴

Que contraste harmônico entre a Marta do episódio de Lucas e a desta cena! “Contraste”, pois é evidente que essa mulher fez um caminho imenso de seguimento a Cristo, de conversão provocada pelo primeiro encontro. Mas “contraste harmônico”, porque também é evidente que é a mesma mulher e que a conversão do seu eu, o crescimento do seu coração não foi um salto para fora da sua humanidade, mas um caminho da sua humanidade, do seu temperamento, das suas relações, até dos seus defeitos.

Tanto é verdade, que a primeira palavra que ela disse a Jesus é quase uma repreensão, como daquela vez: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido”. Mas é totalmente diferente, porque é uma doce repreensão cheia de pedido, cheia de confissão de que verdadeiramente só Jesus era necessário para Lázaro, para eles. Além disso, é como se Marta se corrigisse na hora, traduzisse imediatamente a repreensão velada num ato de fé que, sem sombra de pretensão ou capricho, pede e mendiga tudo a Cristo, com uma certeza que antes não tinha: “Mesmo assim, eu sei que, quanto pedires a Deus, ele te concederá”. Que força a de um eu que diz “Eu sou” não para afirmar com presunção a própria capacidade, sabedoria, competência, mas a de Outro.

⁴⁴ Jo 11,17-28.

Marta diz eu dentro de uma entrega total a Cristo, e além disso tem consciência de que também o eu de Jesus é todo baseado na entrega ao Pai, e por isso é um eu seguro, é um ponto de certeza também para ela, também para nós. Que consciência grande e madura Marta tem de si e de Cristo ao afirmar que a presença de Jesus é a presença do Pai, que o amor de Jesus é o amor do Pai, que o que Jesus faz é o que o Pai faz. O eu de Marta, o pequeno e ínfimo eu de Marta, confessa com total transparência o *Eu de Cristo*, o modo como Jesus dizia eu, sabendo-se definido total e eternamente pelo relacionamento de amor com o Pai no Espírito Santo.

Perante um eu tão humilde e certo – é isto o que nos fascina nos santos, mas também em tantas pessoas entre nós: a humildade e a certeza, unidas pelo amor a Cristo –, perante um eu tão humilde e certo, Jesus sente-se livre para revelar-se totalmente, para manifestar a Marta toda a Sua natureza divina, todo o Seu poder divino. A grandeza de um eu estabelecido na fé, com humildade e confiança, está no fato de que ele permite que o Senhor manifeste totalmente o seu “EU SOU”, e manifeste o que significa dizer realmente que só Ele nos é necessário. A posição de Marta permite que Cristo se manifeste em toda a grandeza e ternura do seu ser.

Passo a passo até uma fé total

“Jesus respondeu: ‘Teu irmão vai ressuscitar’. Marta disse: ‘Eu sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia’. Então Jesus declarou: ‘Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto?’ Ela respondeu: ‘Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo’.”⁴⁵

Jesus conduz Marta, passo a passo, até uma fé total. Lembro que meu “pai”, Dom Corecco, disse antes de morrer que ele só pedia uma graça: morrer com fé total. Jesus conduz Marta, passo a passo, até uma fé total. É como uma mãe que sugere meia palavra ao filho para que ele aprenda a completá-la, a lembrá-la toda, para que aprenda a exprimir-se totalmente, não como um papagaio, mas como alguém que sabe exprimir seu eu como eu, como identidade, como liberdade que se afirma. Se a mãe lhe dissesse a palavra inteira, o filho repetiria como um papagaio; mas lhe diz meia palavra, e assim desencadeia no filho a consciência de que é ele quem diz a palavra, é ele quem descobre que se exprime. E seguindo fielmente, como se recitasse as respostas do catecismo – “Eu

⁴⁵ Jo 11,23-27.

sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia” [resposta corretíssima, irrepreensível, mas Cristo leva-a para mais longe, ou melhor: revela-lhe que sua fé n’Ele vai bem mais além do que a fé tradicional de Israel] –; seguindo fielmente, os olhos nos olhos de Jesus, o coração estendido para o coração de Jesus, Marta recebe a revelação de tudo, de tudo o que começara a encontrar dois anos antes na sua casa, na famosa noite daquele escândalo: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá”.

Recordemos as palavras de Dom Giussani: “Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida diária, companhia que é familiar e transforma tudo em bem: isto representa a eficácia d’Ele na minha vida”.⁴⁶

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá.”

É disto, só disto que precisamos, que todos precisam. Essa é a única coisa necessária. Precisamos de uma vida que nos ressuscite da morte, de toda morte, de toda face que a morte e o mal assumem na vida pessoal, na família, na comunidade, no mundo inteiro. Todo o resto são as mil coisas que nos preocupam e trazem ansiedade sem serem necessárias, pois nunca respondem à necessidade verdadeira do coração, de todos os corações.

Na verdade, nem sequer a vida nesta terra nos é verdadeiramente necessária, pois ela é o palco onde percebemos a necessidade do coração, mas não é ela que a satisfaz. Lázaro não ficaria satisfeito com os poucos anos de vida que ia viver depois da ressurreição. Nossa necessidade não é não morrer ou sobreviver: como Jesus disse a Marta, precisamos não morrer jamais, isto é, precisamos da vida eterna, da vida que só Cristo nos pode dar, que só Cristo é para nós. Agora Jesus vai ressuscitar Lázaro para a vida de Lázaro, mas Lázaro não foi feito, querido e amado por Deus só para isso. Nenhum de nós é querido e amado pelo Pai só para viver uma vida mais longa ou menos longa. Somos feitos por Ele para Ele, por Deus para Deus, e o coração não encontra paz enquanto não descansar na comunhão eterna na vida que é Cristo, no Seio do Pai, no sopro do Espírito Santo.

“Crês?”

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá.”

O que se pode acrescentar a esse testemunho total de Cristo a respeito de si mesmo? O que pode haver além dessas palavras? O que há para nós além

⁴⁶ Ver aqui nota 19, p. 21.

da revelação completa da ontologia de Deus feita por Ele presente, olhando-nos nos olhos, presente em carne e osso, face a face conosco? O que se pode acrescentar?

Poderia parecer que nada mais pode ser acrescentado. Mas não é assim. Falta algo a esse testemunho completo, a essa revelação total, a essa teofania definitiva de Deus ao homem. É o próprio Jesus quem o faz entender a Marta e a nós: “Crês nisto?”

Não adianta nada Deus vir ao mundo anunciar-se como Vida da nossa vida, como vida eterna que nenhuma morte pode vencer, como vida eterna aqui e agora, não só no último dia, mas agora, e não só para os nossos mortos, mas para nós que estamos vivos, não adianta nada tudo isso, não adianta nada o próprio Cristo, Sua morte e ressurreição, *se eu não creio*, se eu não me reconheço como um tu que crê diante de Cristo, que me encontra assim, revelando-se assim.

Que estima Deus tem pelo homem, pela nossa liberdade, quando a manifestação daquilo que Ele é enquanto Deus se detém humildemente na soleira do nosso coração, da nossa consciência, da nossa razão, da nossa vontade, inteligência e liberdade, e deixa passar por nós, quase como o gemido de um mendigo, a pergunta se cremos n’Ele, o pedido para Ele poder ser Ele mesmo para nós, poder ser Deus, poder ser a Ressurreição e a Vida, poder ser Aquele que nos faz e redime, Aquele que nos dá a vida e a ressuscita para a vida eterna!

“Crês nisto?” Essa pergunta não é uma investigação da Inquisição. É o Coração de Deus mendigo do coração do homem, a liberdade de Deus mendiga da liberdade do homem, o Ser de Deus mendigo do ser do homem.

Mas é uma pergunta cuja resposta não deve ser procurada em nós. A matéria da fé, a sede da confiança, não está em nós: está no próprio Senhor, é o próprio Senhor. Por isso Marta expressa a resposta mais que da sua memória ou do seu raciocínio, mas como que transpondo em palavras o que ela vê, o que tem na sua frente, o que Jesus lhe comunica a respeito de si mesmo olhando-a nos olhos com amor, com o desejo de encher a vida dela de sentido, de encher a vida dela de si mesmo: “Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo”.

Marta faz eco daquilo que ela vê, da experiência de Cristo que ela faz naquele momento. Jesus está manifestando-se a ela, ocorre uma teofania diante dela, e ela o vê, reconhece-o, pois desde aquela famosa noite de aborrecimento Marta não parou de verificar a palavra que Jesus lhe dissera, a realidade que lhe manifestara, que Ele era a única coisa necessária que o coração deseja, que a tudo realiza, que a tudo preenche. E agora Marta amadureceu, cresceu nessa experiência da vida, cresceu na experiência de que Jesus é realmente a Vida da sua vida.

Sobretudo, Marta confessa que essa plenitude está presente, é uma Presença que “vem ao mundo”. Não uma presença que fica ali imóvel como um ídolo pagão, como uma estátua. *Cristo é a Presença de Deus que vem onde é reconhecida, onde é acolhida, onde é amada.* E Marta fez e faz essa experiência, e por isso tem um coração cheio de certeza, cheio de autoridade na certeza de que, se Cristo é Tudo para nós, se Ele é a Vida da nossa vida, então todo o trabalho da nossa liberdade consiste em corresponder à liberdade de Deus de vir ao mundo, de doar-se ao mundo, em carne e osso, para encher o mundo com Ressurreição e Vida da vida do homem, de cada homem, em qualquer situação ou condição que o homem esteja, mesmo se estiver morto há quatro dias e decompondo-se como Lázaro.

A grande verificação

A fé é reconhecer isto, é viver isto, com gratidão e esperança. Por isso, cada aspecto da existência, até mesmo um aspecto de morte e de pecado, ou um aspecto de destruição e mal como a guerra na Ucrânia, ou um aspecto de dor e sofrimento como todas as situações de provação, de doença, de injustiça, de miséria que constantemente vêm tocar-nos direta ou indiretamente, tudo isso não é mais que a nossa liberdade recebendo novamente a proposta da pergunta de Cristo Ressurreição e Vida, que mendiga nossa fé, nosso sim a Ele, Vida da vida, Vida do mundo: “Crês nisto?”, “Crês que Eu sou a Ressurreição e a Vida da tua vida?”, da vida de todo o mundo?

A vida não pede nada mais. Deus não nos pede nada mais. Não nos pede que cozinhe bem, que cheguemos na hora para servir o jantar, não nos pergunta se conseguimos mover a inércia da nossa irmã. A vida pede-nos a fé em Cristo. A vida, o mundo inteiro, pergunta-nos se de verdade Cristo é a única coisa cuja necessidade reconhecemos, se Cristo é a Ressurreição e a Vida de tudo e de todos. Quantos testemunhos disso nos circundam! Como escreveu o autor da Carta aos Hebreus: “Portanto, com tamanha nuvem de testemunhas em torno de nós, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve. Corramos com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição”.⁴⁷ Quantos amigos nossos compõem essa nuvem de testemunhas, essa multidão de testemunhas que nos fazem entender, que nos dizem que Cristo é realmente a Vida da vida, na morte, na doença, no sofrimento, em tudo.

⁴⁷ Hb 12,1-2a.

Quem vive isso tem autoridade. Nessa cena do Evangelho, Marta é a pessoa com autoridade que tranquilamente ordena tudo e todos. Bem diferente da mulher histérica de alguns anos antes! Tem autoridade porque estabeleceu a ordem primeiramente em si mesma, deixou que Cristo estabelecesse a ordem nela mesma. Quando uma pessoa determina um centro fixo e estável e aceita verificar a consistência dele, tudo se ordena em torno dele. A vida ordena-se com harmonia e beleza, mesmo no meio de mil e uma turbulências, quando acolhemos de verdade Cristo em nós, na vida, em toda a vida, como o Único necessário, como Aquele que é o único a responder à necessidade de sentido e de vida do nosso coração. Tudo se reconfigura ao redor d'Ele, reconfigura-se em relação a Ele. Só Jesus sabe o lugar certo de cada um de nós e de tudo o que compõe nossa vida, do cabelo à mulher, do sapato ao trabalho, do café à política... tudo.

São Bento, em sua Regra, ordena tudo, põe todo o humano dos monges numa ordem harmônica que irradiou dos mosteiros para a cultura europeia e mundial. Mas ele deixa essa ordem harmoniosa toda acontecer, deixa-a ser gerada por um centro, um centro que ele não pode impor, que cada monge é chamado a escolher e acolher livremente, pois é um centro afetivo, um centro em que a minha liberdade corresponde a um amor que lhe pede amor, a uma preferência que lhe pede preferência, a um olhar fixo em mim que me pede um olhar fixo em Cristo. São Bento expressa isso pedindo aos monges que “nada antepõem ao amor de Cristo”.⁴⁸ Em outra parte diz que a obediência dos monges sem hesitação “é peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo”.⁴⁹ E enfim, quando no penúltimo capítulo São Bento faz uma espécie de resumo do que é essencial na vida dos monges, conclui pedindo que “nada absolutamente antepõem a Cristo – que nos conduza [eis o seguimento] juntos para a vida eterna”.⁵⁰

A vida inteira cresce e ordena-se em relação a esse centro, na comparação contínua com esse centro, sempre readaptando tudo à preferência central de Cristo. Foi assim que Marta cresceu, foi assim que sua pessoa se tornou aquele espetáculo de harmonia do humano, de toda a sua humanidade exuberante, que ela demonstra no episódio da ressurreição de Lázaro.

Os homens estranhos que preferem Cristo

Quando Dom Giussani testemunha que Cristo é a vida de sua vida, ele o faz tendo dentro disso uma preocupação em relação a todas as pessoas envolvidas

⁴⁸ Cf. RB 4,21.

⁴⁹ RB 5,2.

⁵⁰ RB 72,11-12.

pelo seu carisma, uma preocupação que já expressara diversas vezes, sempre, por exemplo quando insistia muito, na época em que eu ainda estava na faculdade, na famosa (espero que ainda o seja!) passagem do *Breve conto sobre o Anticristo*, de Soloviev:

“O imperador interrogou os cristãos: ‘Homens estranhos [...] Dizei-me vós mesmos, ó cristãos, abandonados pela maioria de vossos irmãos e de vossos chefes, o que vos é mais caro no cristianismo?’ Levantou-se, então, o *starets* João e respondeu com doçura: ‘Ó grande rei, o que nos é mais caro no cristianismo é o próprio Cristo. Ele próprio e tudo o que d’Ele vem, porque sabemos que n’Ele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade’”.⁵¹

Às vezes me pergunto se nós cristãos – todos: leigos, padres, religiosos – ainda somos percebidos pelo poder como “homens estranhos”, “mulheres estranhas”, se o poder de turno ou a ideologia de turno nos sentem como estranhos, como não conformados com isso, como não assimiláveis a seus interesses e a seus projetos e planos. Com razão, o Papa Francisco costuma denunciar a mundanidade com que vivemos, com que vivem também os que deveriam estar consagrados à preferência de Cristo de modo, se não exemplar, ao menos significativo, como sinal de uma vida nova possível para todos. Mas a vida nova, diferente e “estranha” para o mundo começa pelo eu, pelo coração que realmente encontra Cristo e O deixa anunciar e provar na nossa vida que só Ele é realmente o Único necessário, o Único de que preciso, o Único que me é mais querido, e portanto o que temos de mais caro, de mais precioso, quer dizer, a última coisa a que renunciaríamos se tudo nos fosse tirado, até a vida. Os mártires nos testemunham isto: que Cristo, por ser a Vida da vida, é mais caro que a vida.

É o testemunho que nos deu Dom Corecco, meu pai na fé, que viveu os anos de doença irradiando com verdade e letícia a paz que lhe dava um versículo do salmo 62, o versículo 4, das Laudes de domingo e das solenidades: “Vosso amor vale mais do que a vida”.

Tudo aponta para isso, para essa maturidade do eu na fé que permite que o Ressuscitado presente seja a plenitude do coração em todas as circunstâncias da existência. Quem passa a seguir Cristo verificando em tudo que Ele é a Ressurreição e a Vida da vida cresce numa relação nova com todos e com tudo, uma relação livre, pois quem não tem nada mais caro que Cristo é mais livre que o imperador, domina tudo mais do que o imperador do mundo.

Mas há um aspecto dessa verificação que temos de aprofundar hoje à tarde: Marta não fez esse caminho sozinha. Sozinha não o teria feito. E nós tampouco.

Cantemos o *Regina Caeli*.

⁵¹ Cf. V. Soloviev, “Breve Racconto dell’Anticristo”, in Idem, *I tre dialoghi e Il Racconto dell’Anticristo*, Gênova: Marietti 1820, 1996, p. 190.

Sábado, 30 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

*Johann Sebastian Bach, Cantata “Christ lag in Todesbanden”, BWV4
Karl Richter – Coro e Orquestra Bach de Munique (Archiv Produktion) Universal*

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Mauro-Giuseppe Lepori

“O Mestre está aí e te chama”

Letícia e liberdade

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto?” Ela respondeu: ‘Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo’. Tendo dito isso, ela foi chamar Maria, sua irmã, e lhe disse baixinho: ‘O Mestre está aí e te chama’.⁵²

De manhã falamos do caminho que Marta fez verificando, depois do seu... grande acesso de raiva, da provocação de Jesus, a provocação de afirmar-se diante dela como a única realidade de que ela precisava. Marta fez um caminho, porque verificou esse juízo, mas principalmente essa Presença, dentro de todas as fendas de sua vida. Fez um trabalho sobre si mesma, vivendo com esse anúncio de Jesus dentro de si, e descobriu cada vez mais que era verdade, que era verdade que Jesus lhe era infinitamente mais necessário do que todas as exigências e pretensões de que sua vida e seu coração estavam cheios e de que eram escravos. Experimentou uma libertação, uma dilatação do coração, uma dilatação do sentido e do gosto da vida. Nada agora a fechava nela mesma, ou, se acontecia de novo, a memória daquela presença e daquela palavra, e da experiência que produziram nela, voltava a abrir-lhe o coração e a libertava da angústia e da reclamação que sempre tentavam afundá-la de novo. Por isso estava feliz. Até diante do drama da vida, até na dor, como a dor da morte de seu irmão Lázaro, Marta sentia que estava alegre, isto é, livre de um fechamento em si mesma que antes a sufocava.

⁵² Jo 11,25-28.

Renegar a falsidade do eu

Esse trabalho não foi fácil, porque, com o temperamento que ela tinha, a verificação de que Outro era tudo o que ela precisava e a renúncia em providenciar por conta própria, para si e para os outros, aquilo de que achava que os outros precisassem, tinham acarretado e sempre acarretavam uma renúncia de si mesma, uma abnegação de si que sinceramente não era de sua índole.

O logo da Fraternidade, uma obra do artista brasileiro Cláudio Pastro – que tive a graça de conhecer em São Paulo poucos meses antes de sua morte; um artista cheio de fé que fez do santuário mariano mais importante do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, para mim uma das grandes maravilhas da arte cristã contemporânea –, representa São Bento, como vocês sabem.⁵³ Em volta da figura dele, Pastro escreveu metade de uma frase da Regra de São Bento: “*Ut sequatur Christum* – para Cristo ser seguido”. Não cabia a primeira metade desse verso do capítulo 4 da Regra, que é aparentemente negativo: “*Abnegare semetipsum sibi, ut sequatur Christum* – Abnegar-se a si mesmo para seguir o Cristo”.⁵⁴

São Bento parece quase querer esmagar totalmente o eu, pois não diz apenas abnegar-se “a si mesmo”, mas “*semetipsum sibi* – a si mesmo para si mesmo”. Evidentemente isso faz parte de uma ascese monástica que na época de Bento não temia a mortificação de si. Mas, quando vemos que costumamos viver escravos de um eu alienado, cheio de mentiras e ideologias, cheio de caprichos criados por um bem-estar insolente que se esquece da pobreza dos outros, de muitos outros; quando vemos que estamos infectados por aquilo que o Papa Francisco chama de “cultura do descarte e da indiferença”;⁵⁵ quando vemos com quanto individualismo e instintividade estamos diante da vida, da nossa comunidade, da nossa família, da mulher, do marido, dos filhos, do

⁵³ A imagem de São Bento é retomada pelo medalhão idealizado e feito em 1980 pelo artista brasileiro Cláudio Pastro (São Paulo, 1984-2016) para o aniversário de nascimento do Patrono da Europa. Nesse mesmo ano, o Abade de Montecassino, Martino Matronola, conferiu o primeiro reconhecimento eclesialístico à Fraternidade de Comunhão e Libertação. São Bento tem o dedo médio, o indicador e o polegar da mão direita levantados para indicar as três Pessoas da SS. Trindade: um convite a estarmos em comunhão na vida. Com a mão esquerda, indica o coração onde se realiza a ideia da Regra, a vida evangélica. As linhas curvas e o contorno da medalha simbolizam a dinâmica do divino que se encarna no homem. *Ut sequatur Christum* (“para seguir O Cristo”; RB 4,10) aparece escrito na margem, indicando o caminho do homem. Ver também: G. Feliciani, “Nota histórica”, in L. Giussani, *A obra do Movimento*, op. cit., p. 19.

⁵⁴ RB 4,10.

⁵⁵ Cf. Francisco, *Homilia na Santa Missa da abertura da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 4 de outubro de 2015; Francisco, *Mensagem para a celebração do LIV Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2021.

trabalho ou da nossa vocação... Enfim, talvez não nos faça tão mal fazer hoje também, se não uma mortificação do eu, que corre o risco de ser mal entendida e mal vivida, pelo menos um trabalho sobre nós mesmos que nos torne conscientes de que conceber o eu como o tudo da vida – pois é este o problema do individualismo: conceber o eu como deus, o ídolo da própria vida – não é uma posição que leva à felicidade, que leva a vida a abraçar um sentido que a supera. De fato, como vemos nas crianças, a alegria é uma experiência em que o coração, por assim dizer, “explode” para fora de si mesmo.

Pois bem, acho que Marta fez esse trabalho de abnegação de um eu repleto de si mesmo, de um eu debruçado sobre si mesmo que exigia que todos se debruçassem sobre ele. Mas não fez esse trabalho e esse caminho com a decisão e a força do seu eu. Teria sido pior! Imagino que os demônios estejam convencidos de serem os melhores e mais altruístas seres do universo, só porque fazem tudo por si mesmos e para si mesmos. Não, Marta pôde fazer esse trabalho porque olhou para Cristo, deixou-se atrair por Ele, ainda que a princípio Ele a tivesse contradito e contrariado. Mas a contradissera enfiando o dedo exatamente na chaga da concepção autônoma de realização da sua vida em que ela estava enclausurada e que a fazia sofrer, sufocando-a e envenenando tudo nela e em volta dela: amizades, trabalho, religiosidade, tudo.

Uma provocação partilhada

E Marta não fez esse caminho sozinha, e aquela noite Jesus não chamara só a ela, nem se revelara só a ela. Marta fez um caminho sobre si mesma dentro de uma companhia, junto com pessoas que decidiram fazer esse caminho com ela, fazendo-o sobre elas mesmas, junto com ela.

Porque aquela noite, o que aconteceu, o que Jesus disse e revelou não foi um mero bate-boca entre Marta e Ele, tampouco foi um momento de direção espiritual entre Ele e Marta. A troca deles tornou-se Evangelho porque é uma questão que nos concerne a todos, e que tocou e envolveu imediatamente todos os presentes aquela noite na casa de Marta. Tenho certeza de que, aquela noite, para eles três aconteceu um encontro com Cristo que deu um sentido novo à vida em comum deles. Com efeito, Lázaro e Maria também ficaram em silêncio depois da correção de Jesus a Marta. Maria e Lázaro poderiam ter trocado olhares com um sorriso irônico, pois Jesus estava lhes dando razão no que dizia respeito às eternas e exasperantes ansiedades e pretensões de Marta. Pior ainda, poderiam ter dito em coro: “Nós bem que avisamos! Viu só? Jesus também viu que você nos deixa todos agitados com suas ansiedades e pretensões, com sua mania de controlar tudo e todos!”

No entanto, eles também: silêncio! Eles também ouviram e meditaram sobre si mesmos, pois aquilo que Jesus dissera a Marta – que Ele era a única realidade necessária, de que eles precisavam – era uma coisa grande demais, importante demais: não podia valer só para Marta! Cada um deles meditou sobre si mesmo, até Maria, que fora elogiada por Jesus e podia ficar à vontade. Decerto, ambos Lázaro e Maria perguntaram-se: “E eu? Será que vivo de verdade o encontro com Jesus reconhecendo que Ele é a única resposta necessária à minha necessidade de felicidade, de paz, de fraternidade, de beleza e realização da vida? É verdade ou não para mim que Ele é tudo, a melhor parte? Que Ele é minha paz, que tudo na minha vida se ordena e repousa em torno d’Ele e n’Ele?”

Confesso que, quando os leigos, agitados pelos ventos do mundo, dizem a nós monges que escolhemos a melhor parte, quase com um sentimento de culpa por não a terem eles também escolhido, sinto-me muito provocado. Porque tenho a impressão de que, para quem está no mosteiro, a parte melhor não costuma supor uma escolha tão dramática quanto a que quem está, por assim dizer, em pleno naufrágio sente necessidade de fazer, por exemplo no trabalho, na família, na sociedade, na política... Até na cena de Marta e Maria, é como se a parte melhor fosse dada a Maria numa bandeja de prata, sem dificuldade alguma. Já Marta é chamada a uma escolha dramática, e, como veremos, ela faz a escolha de verdade, sacrificando verdadeiramente a falsa posição do seu eu. Por isso eu tenho a impressão de que, naquela noite, Maria também entendeu que tinha de renovar a escolha por Cristo, fazê-la para valer, seguindo ela também a provocação de Jesus.

Pensemos em quando Jesus e os apóstolos foram embora aquela noite ou no dia seguinte, e Marta, Maria e Lázaro ficaram sozinhos, na casa silenciosa, bagunçada e suja depois da passagem daquela dúzia de homens galileus, em sua maioria camponeses e pescadores pouco habituados às boas maneiras. Certamente os três se entreolharam, em silêncio, com um misto de tristeza e de paz serena, grata, alegre. Uma tristeza alegre, pois desejosa de um bem experimentado com gratidão, mas que nunca se possui até o fim. Os três se entreolharam como nunca se tinham olhado antes, com uma ternura com que nunca se tinham olhado antes. Amavam-se, fica claro por todas as cenas do Evangelho em que aparecem os três irmãos, mas não havia antes essa ternura. Era evidente para todos três, mesmo sem o dizerem – mas depois devem tê-lo dito –, que entre eles já não era como antes, que tinham entrado numa fraternidade diferente, numa familiaridade diferente, e que aquela casa, tão familiar a eles, onde provavelmente viveram desde pequenos com seus pais, com os avós, onde tinham crescido juntos... aquela casa tornara-se um lugar novo, um espaço novo, algo sagrado, como um templo, um espaço onde viveriam

como num templo. E intuíaam que a novidade entre eles e da casa deles nascerá exatámente náquele instante em que Jesus disserá a Marta, aproveitando sua reclamação – mas teria podido e sabido aproveitar-se de qualquer outra coisa –, nascerá náquele instante em que Jesus revelára a Marta e a todos os que estavam ouvindo que todo coração humano é feito para Ele como o Único necessário, como a única resposta à necessidade da vida, de todo o humano que nos constituí.

Porque sempre é isso o que ocorre no encontro com Cristo, se O encontramos de verdade. Jesus o expressa de mil maneiras, faz experimentar de mil maneiras, mas sempre se trata desta experiência. Três exemplos no Evangelho:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.⁵⁶

Ou quando “Jesus respondeu [à Samaritana]: ‘Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede. Aquele, porém, que beber da água que eu darei nunca mais terá sede, mas a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna’”.⁵⁷

Ou então noutra passagem de João: “No último e principal dia da festa, Jesus, de pé, exclamou: ‘Se alguém tem sede, venha a mim, e beba quem crê em mim. Conforme diz a Escritura: Do seu interior fluirão rios de água viva’. Ele disse isso, falando do Espírito que haveriam de receber os que cressem nele [‘Crês nisto?’]; pois não havia ainda o Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado”.⁵⁸

A novidade da fraternidade em Cristo

O fato de que os três irmãos trabalharam juntos nesse acontecimento, que juntos corresponderam a essa novidade e juntos fizeram um caminho, não o vemos só pela maturidade que Marta demonstrou quando Jesus foi ao túmulo de Lázaro. Vemos também e principalmente na sua relação nova com Maria, sua irmã. Um detalhe já é suficiente para entendermos que as duas irmãs passaram a ter um relacionamento novo, porque Marta, depois do encontro e da conversa com Jesus, que se lhe revelara como a Ressurreição e a Vida da vida, foi chamar a irmã de um jeito que explicita a relação nova que há entre elas, a relação nova

⁵⁶ Mt 11,28-30.

⁵⁷ Jo 4,13-14.

⁵⁸ Jo 7,37-39.

que cresce em quem fica junto verificando que Cristo é o Único necessário para o coração e a vida, a relação nova de quem fica junto porque Jesus Cristo está presente, porque Cristo é tudo. Ela diz: “O Mestre está aí e te chama”.⁵⁹

Nessa palavra está toda a novidade que Cristo trouxe ao mundo, que é uma novidade de relacionamentos, uma fraternidade, uma irmandade nova, uma amizade que é inconcebível para o mundo, e sobretudo impossível sem Cristo. Marta chama Maria para lhe dizer que Jesus a está chamando, transmite-lhe o chamado do Senhor presente. Ele está aí e te chama, te quer, quer encontrar-te. Agora, ambas sabem que Jesus é o Único necessário, a Vida da vida. Estão unidas nessa consciência, nesse encontrar em Cristo a satisfação total do coração.

“O Mestre”: para Marta, este título está cheio de toda a autoridade de Cristo, da Sua *auctoritas* – que etimologicamente significa “fazer crescer” –, isto é, cheio do fato de que relacionar-se com Ele e escutá-Lo nos faz crescer, faz a vida crescer, dilata o coração, nos introduz na verdade de tudo, das relações, do trabalho, dos afetos, das fragilidades humanas, até a morte, até a dor pela morte de Lázaro ou a própria morte. “Mestre”, para Marta, agora é Aquele que é “a Ressurreição e a Vida”, Aquele que está presente para nos levantar e fazer-nos viver com plenitude. “Mestre”, diria Madre Teresa de Calcutá, é Jesus, que é a “Vida, para viver” e o “Amor, para amar”,⁶⁰ e muitas outras qualidades e atitudes que somos chamados a assimilar e absorver da autoridade cheia de graça da sua presença, do seu amor por nós, do seu olhar por nós.

Não pode haver comunhão mais profunda e verdadeira, não pode haver fraternidade mais bonita e sólida do que a de compartilhar esta fé e este desejo, esta fé que é desejo d’Ele, desejo e abraço d’Ele. E não pode haver dom recíproco maior, não pode haver unidade mais indestrutível do que o mostrarmos uns aos outros a presença de Jesus, o qual nos deseja para dar resposta e satisfação ao nosso desejo fundamental de vida. Marta e Maria estão tão tácita e profundamente unidas na consciência de que a presença de Jesus é a Vida da vida, para elas e para todos, até para os mortos como Lázaro, que quando chegam diante d’Ele, em momentos diferentes, dizem-Lhe a mesma coisa, exprimem-Lhe a mesma consciência, o mesmo desejo da Vida da vida que Ele é: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido!”⁶¹

⁵⁹ Jo 11,28.

⁶⁰ “Tomemo-nos ramos autênticos e ricos em uvas da vinha de Jesus, acolhendo-O na nossa vida como Lhe aprouver vir: [...] como vida, para viver; [...] como Amor, para amar” (Madre Teresa, *Il cammino semplice*, Milão: A. Mondadori, 1995, p. 17).

⁶¹ Jo 11,21 e 32.

Compartilhar a verificação de que Ele é tudo

Ressalto tudo isto porque me parece que nesses episódios, nessas palavras, nessas pessoas do Evangelho encontramos o paradigma existencial da Igreja, da companhia de pessoas, da amizade e fraternidade em que a cada um de nós é dado e pedido irmos a fundo no encontro com Cristo até uma plenitude de humanidade, uma plenitude e maturidade do eu que muda o mundo, que renova todas as coisas ao corresponder ao acontecimento de Cristo e testemunhá-Lo. Nada testemunha Cristo e o fato d'Ele ser Tudo para o homem mais do que uma pessoa que joga sua vida na verificação dessa proposta, que cresce verificando essa proposta de Cristo ao coração, essa proposta de Cristo que diz ao coração: Eu sou tudo para ti e para todos!

E mais ainda do que isso, ou indissolavelmente ligado a isso, nada testemunha Cristo e a plenitude que Ele é para o homem mais do que *uma companhia de pessoas unidas nessa verificação*, nessa experiência de se sentirem chamadas pelo Único necessário a verificarem que realmente o coração e a vida não precisam de nada além d'Ele. *A comunhão cristã é justamente compartilhar a verificação (literalmente: tornar verdadeiro, real) de que Cristo é Tudo para o coração do homem.*

Não podemos estar unidos por nada mais precioso, mais caro, mais preferível. E nada deveria tornar-nos mais responsáveis pela nossa unidade em relação ao mundo inteiro. Porque o motivo da unidade dos discípulos é a experiência de que Cristo é Tudo para o coração de todo homem, a experiência de que Cristo é a Vida da vida de todo homem, e se eu faço essa experiência tão surpreendente e gratuita, que não mereço, passo a ser imediatamente responsável para com qualquer coração humano. E se experimento que a fraternidade que vivo com quem Deus pôs ao meu lado torna mais verdadeira e real a verificação de que Cristo é a única Realidade necessária para o homem, então a mesma unidade com meus irmãos e irmãs torna-se uma responsabilidade universal, para com o mundo inteiro. Em outras palavras, mas teremos de aprofundá-lo: se digo a quem está ao meu lado: “O Mestre está aí e te chama”, “Cristo, a Ressurreição e a Vida, está presente e te chama”, na verdade digo-o a todos, transmito a presença e o chamado de Cristo ao mundo inteiro. Não porque eu seja bom ou porque seja universalmente conhecido, ou porque a pessoa a quem comunico isso seja importante, mas pela natureza de Cristo, por aquilo que Cristo é mesmo quando está sentado na cozinha da minha casa, mesmo quando está presente na minha comunidade ou família desestruturada.

O ecumenismo vivido assim é uma responsabilidade universal dos cristãos, é o que todos os cristãos devem ao mundo inteiro. De fato, quanto mais compartilhamos esta experiência, mais verificamos juntos que Cristo é verdadeira-

mente Tudo, que é Tudo para todos, Tudo em todos. Partilhar essa experiência, essa verificação, não diminui, mas antes acentua a Totalidade de Cristo para cada um, para cada coração.

“Não estava ardendo o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?”⁶² disseram entre si os discípulos de Emaús. Que comunhão mais profunda e mais terna entre esses dois discípulos de Emaús ao partilharem a experiência de que, só quando Cristo está presente, só quando o Mestre está presente, o coração de cada um arde de plenitude! Nunca tinham experimentado uma amizade tão intensa entre si como naquele caminho com Jesus, e há quem não exclua a hipótese de que fosse marido e mulher, ou pelo menos dois discípulos ligados há anos talvez por uma relação de trabalho, de domicílio, de parentesco ou de amizade. Mas antes não eram tão unidos; antes, com efeito, entre eles havia queixas, decepções também pelo modo indigno como Cristo morrera, sem manter as promessas que eles Lhe tinham atribuído para que satisfizesse as expectativas deles, provavelmente todas boas, como a libertação de Israel: “Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel...”⁶³ Eles também, como Marta, que aquela noite só esperava que Jesus mandasse sua irmã ir ajudá-la, que Ele desse um pontapé nela para que se levantasse e fosse trabalhar...

Como esperamos pouco de Cristo, quando não Lhe permitimos que nos revele que Ele é tudo para nosso desejo mais profundo!

A missão da fraternidade

Marta, transmitindo a Maria o chamado do Mestre presente, divide com sua irmã uma abertura a Cristo que Lhe permite dar-nos tudo, toda a Sua pessoa, toda a Vida que Ele é para nós. Partilham uma fé e uma esperança que não impõem limites ao dom de Cristo para o mundo. Só vivendo uma comunhão assim é que se é verdadeiramente missionário. Cristo veio ao nosso encontro, veio para nos chamar, para salvar o mundo, sem limites. Não veio para libertar só a Israel ou para trazer ordem e disciplina só à casa de Marta. No entanto, nós quase sempre impomos esses limites, efetuamos essa redução do acontecimento de Cristo. Não o reduzimos tanto em si, porque no discurso cremos que Cristo é o Filho de Deus, encarnado, morto e ressuscitado para a salvação do mundo inteiro. Nós o reduzimos no pouco que permitimos que esse acontecimento mude nossa vida, preencha nossa vida. Gostaríamos que nos correspondesse na

⁶² Lc 24,32.

⁶³ Lc 24,21.

medida de um desejo nosso delimitado, que não é nada em comparação com o desejo de salvação ilimitado que Cristo tem no coração. Um desejo que Ele tem também para mim! Cristo não quer utilizar-nos para salvar o mundo passando por cima da nossa necessidade de salvação. É exatamente o contrário: Cristo salva o mundo inteiro através da salvação da minha vida, através da plenitude do meu coração, da ressurreição da minha vida. “Eu sou a Ressurreição e a Vida”, mas não só de Lázaro: de você, Marta! E a partir de você, de todos os que você for encontrar, como em breve a sua irmã. “Eu sou a Ressurreição e a Vida” em Pessoa, em absoluto, e então para todos, de todos! Se minha vida chega a explodir em você, você não poderá vivê-la sem abraçar o mundo, sem um ímpeto urgente de salvação universal, que é o meu ímpeto, o que me levou a morrer alegremente na Cruz por vocês!

Que crescimento humano extraordinário o de Marta e Maria, que passaram da competição e da pretensão mútuas – tanto que parecia que até Jesus fosse um motivo de disputa e ciúme entre elas – para a consciência madura de que a partilha do valor de Cristo torna-O ainda mais precioso e presente para cada uma delas. É a experiência de que, quando compartilho Cristo, quem mais O recebe sou eu.

Agora Marta já não se queixa se Maria fica sentada em casa, sendo que devia haver muito para fazer para conseguirem acolher toda aquela gente que vinha oferecer seus pêsames pela morte de Lázaro, e tampouco se queixará quando Maria logo depois derramar todo aquele perfume valioso nos pés de Jesus.⁶⁴ Marta está em paz com a gratuidade contemplativa de sua irmã, bem como está em paz com seu papel de mulher faz-tudo, pois entendeu, aliás, fez experiência de que em todas as coisas elas compartilham o tesouro mais precioso, que dá valor infinito aos seus trabalhos domésticos e igualmente à contemplação inativa de Maria. Nada a distrai de encontrar em Cristo presente a plenitude do coração: todo o resto é apenas o palco dessa experiência.

Mas nós temos de fazer essa verificação sobre a nossa vida de fraternidade, de comunhão e de amizade, não só com a nossa comunidade, mas também com o marido ou a mulher e com os filhos, os amigos e colegas, bem como com os inimigos e os rivais. Sempre deveríamos perguntar-nos: será que há espaço em todos esses âmbitos para Cristo presente, que é a Vida da vida, plenitude do coração e de toda a nossa humanidade? Será que há um espaço central para Cristo na nossa vida, nas nossas relações, nos nossos encontros, mesmo os recreativos, ou nos nossos desentendimentos e conflitos? Será que há espaço central para Cristo nas crises dos nossos relacionamentos? Há espaço central para Cristo realmente presente também nas crises da nossa concepção das

⁶⁴ Cf. Jo 12,1-11.

nossas relações, do sentido do nosso estarmos juntos, do nosso caminharmos juntos? Há espaço central para Cristo, por exemplo, nos nossos conflitos de interpretação de um carisma, de uma missão ou vocação?

O testemunho do Ressuscitado, substância de qualquer presença missionária, inclusive entre as quatro paredes de um mosteiro ou da nossa casa, irradia a partir do reconhecimento, no meio de tudo, ao menos como mendicância, de que Cristo – o Mestre, o Senhor, a Ressurreição e a Vida da vida – está aqui e nos chama.

Dom Montini, futuro São Paulo VI, escreveu no início de seu ministério como Arcebispo de Milão uma carta pastoral de Quaresma com um título tirado de uma frase de Santo Ambrósio: “*Omnia nobis est Christus* – Tudo é Cristo para nós”.⁶⁵ Uma carta que deve ser inteiramente retomada – lamento muito não ter tempo para isso –, porque afirma com uma clareza ainda muito atual que a urgência para a Igreja e para o mundo é retomar consciência e refazer experiência de que só Cristo nos é necessário. Impressiona-me pensar que essa carta foi publicada por Dom Montini alguns meses depois que Dom Giussani, no outubro anterior, tinha subido os famosos degraus do Liceu Berchet para começar, sem o saber ainda, o Movimento para o qual o Espírito Santo o destinara. Fico imaginando como devem ter ecoado no coração de Dom Giussani as palavras de seu arcebispo sobre a necessidade absoluta de Cristo.

Nessa carta, Montini dá uma definição da Páscoa extraordinária, pois nos faz entender como ela deve envolver-nos: “A Páscoa [é] a proclamação da nossa necessidade de Cristo, nossa vida”.⁶⁶

A verdadeira amizade

“O Mestre está aqui e te chama.”⁶⁷

Precisamos captar toda a intensidade dessas palavras, porque definem a substância da comunhão cristã, daquela amizade e daquela fraternidade que só o acontecimento de Cristo torna possíveis e que faz de nós aqueles “homens estranhos” de que fala o imperador de Soloviev, pois não têm nada de mais caro do que o Cristo. Como mencionei antes, nesta frase Marta coloca tudo, todo o seu encontro com Cristo Ressurreição e Vida, e assim toda a sua fé n’Ele: “Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo!”⁶⁸

⁶⁵ Santo Ambrósio, *De virginitate* 16,99.

⁶⁶ G. Battista Montini, *Omnia nobis est Christus*, Carta pastoral à arquidiocese de Milão, Quaresma de 1955.

⁶⁷ Jo 11,28.

⁶⁸ Jo 11,27.

Ao chamar sua irmã deste modo, Marta traduz num relacionamento novo com ela o seu reconhecimento pessoal de Cristo. É maravilhoso ver a correspondência entre o que ela acabou de dizer a respeito de Jesus – “Tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo” – e o que ela depois vai dizer à sua irmã – “Ele está aqui e te chama”, ou seja, veio para ti. Quem reconhece Cristo vivo e presente tem uma relação nova com tudo, e sobretudo com todos, a começar pelas relações que já tecem sua vida.

É a relação nova que André testemunhou imediatamente a seu irmão Simão: “André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido a declaração de João e haviam seguido Jesus [estavam juntos fazia uma vida inteira, trabalhavam juntos, dividiram todas as alegrias e as dores comuns a todos, brigaram e se mandaram para aquele lugar milhares de vezes!]. Ele foi encontrar primeiro seu irmão, Simão, e lhe falou: ‘Encontramos o Messias’, que quer dizer Cristo. Então, conduziu-o até Jesus. Olhando para ele, Jesus lhe disse: ‘Tu és Simão, filho de João. Tu te chamarás Cefas’, que quer dizer Pedro”.⁶⁹

O que é que pode mudar as relações usuais e geralmente gastas, deterioradas pelo tempo, pela rotina, pela obviedade com que nos relacionamos uns com os outros, inclusive e sobretudo com as pessoas que estão ligadas a nós pela vocação: marido e mulher, filhos, irmãos e irmãs de uma comunidade...? O que pode mudar as relações? Por acaso o fato de eu ter ficado melhor, menos antipático, mais generoso, menos chato? O fato de eu me calar mais em vez de ficar criticando sempre? Mas às vezes é calando mesmo que eu deixo crescer o mofo, ou até a erva daninha, entre mim e os outros... Não! *O que muda minhas relações é a Presença d’Aquele que preenche meu coração.* André encontrou Alguém que respondia a toda a sede de seu coração, e quando encontrou Pedro deu-se conta de que Cristo o preenchia tanto e se tornara tão querido para ele, tão precioso, que chegava até a preencher tudo o que faltava ou estava estragado entre ele e o rabugento do seu irmão mais velho. E conseguiu dar Cristo a Simão Pedro, porque a presença de Jesus nele, em seu coração, já era tão grande e tão real que Pedro foi absorvido por ela com todo o coração e a vida, a ponto de tornar-se outro, tão ele mesmo que agora era outro: “Tu és Simão, filho de João. Tu te chamarás Cefas”. Não é que vai deixar de ser Simão, filho de João. Pedro continuará sendo ele mesmo no bem e no mal até depois do Pentecostes. Mas é outro porque na sua vida entra, emerge a identidade eterna que ele tem diante de Cristo, emerge aquilo que ele é para Cristo, desde a eternidade e por toda a eternidade. E se Cristo está presente, o que eu sou para Ele *acontece*, é mais eu do que eu mesmo, define-me mais do que tudo, mais

⁶⁹ Jo 1,40-42.

do que eu mesmo. Se Cristo está presente, Ele faz acontecer o que eu sou para Ele na relação comigo. Se eu O mantenho presente, permito que Ele me faça ser o que eu sou para Ele.

“O Mestre está aqui e te chama.” Cristo transmite-se entre nós, foi-nos transmitido e transmite-se entre nós, *no eco das nossas relações, transformadas no eco do Seu chamado*, até as mais familiares e íntimas. É Cristo quem chama Maria, mas é Marta quem se torna para Maria a transmissão temporal e carnal do chamado do Eterno. Cristo está presente, e Marta diz a Maria: “Está aí!” Cristo chama Maria, e Marta diz a Maria: “Ele te chama!” Não acrescenta nada, não faz nenhum comentário, não interpreta nada. Somente sua pessoa, seu corpo, sua voz, seu olhar, o tremor meio afobado de sua respiração, o suor de sua testa, os olhos lúcidos... tudo nela se converte em transmissão de Cristo, que está chamando sua irmã. Marta torna-se encarnação da presença e do chamado de Cristo para sua irmã, encarnação da caridade de Cristo, da caridade de Deus por todos os homens.

“E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós.”⁷⁰

A experiência da Virgem Maria, aquela que ela vivenciou imediatamente depois da Anunciação quando foi visitar Isabel, torna-se a experiência diária da comunhão eclesial, da Igreja. Isabel nota isso com espanto, movida e comovida na própria carne de mulher e mãe: “Logo que ressoou aos meus ouvidos a tua saudação, a criança pulou de alegria no meu ventre”!⁷¹ A presença de Cristo no meio de nós é tão real, que até fazemos experiência física d’Ele.

Não proselitismo, mas atração

Mas a transmissão da presença de Jesus entre nós não é uma transmissão mecânica. Por quê? Porque é uma transmissão entre Cristo presente e a liberdade do outro. Marta não foi dizer a sua irmã: “Vai logo, que Jesus está aí! Não podes perder a ocasião!” Não, não propôs Cristo como um talismã que dá azar caso não seja tocado. Ela propôs Cristo como Aquele que se propõe em primeiro lugar à nossa liberdade, atraindo-nos para si com amor humilde, com Seu amor sedento pelo nosso coração, sedento pela sede do nosso coração. Também a Samaritana, também Zaqueu, também Nicodemos, também o bom ladrão, Cristo não os converteu fazendo proselitismo, como diriam em coro o Papa Francisco e o Papa Bento, mas por atração, pela atração do próprio Cristo à nossa liberdade. Cristo atrai a liberdade; não nos atrai seduzindo-nos com outras coisas, com o que nos poderia interessar, com os caprichos que temos dentro de nós, mas atrai a liberdade. Portanto, é uma atração que propõe passos, que respeita as perguntas, as hesitações (passou uma noite conversando

⁷⁰ Jo 1,14.

⁷¹ Lc 1,44.

com Nicodemos), enquanto você não se rende, não a uma obrigação, mas a um amor infinito, à evidência de um amor infinito. Pensemos na paciência de quem nos gerou na fé e na experiência cristã, que paciência em esperar que a nossa liberdade crescesse e dissesse sim!

Marta, em primeiro lugar, foi falar com sua irmã estando embebedada pela atração de Cristo. Vocês podem imaginar a beleza do Senhor, Sua atração ao coração, no momento em que disse a ela, mirando-a fixamente nos olhos: “Eu sou a ressurreição e a vida”?!⁷² – imaginem: é a beleza absoluta; todos os ícones tentam expressar isso –. E Ele o diz justamente como atração de Deus ao homem, pois não o diz tanto para definir-se a si mesmo, e sim para definir a relação conosco, a influência sobre nós dessa beleza absoluta. De fato, Ele acrescenta imediatamente: “Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá”!⁷³ Oferece-nos uma vida que não morre, que não morre jamais! E essa vida é Ele. O que é que nos pode atrair mais do que isto? Aliás: o que é que nos pode atrair, senão isto?!

Pois então, o testemunho, como substância de relações verdadeiras, de amizade verdadeira, de fraternidade verdadeira, ou seja, como substância da comunhão eclesial, transmite isso à liberdade do outro, propõe isso a partir da minha liberdade atraída por Cristo à liberdade do outro, atraído e chamado não por mim, mas por Cristo. “O Mestre está aí e te chama [Ele].”

Se tivéssemos essa consciência das relações e esse juízo sobre a nossa instintividade nas relações, que sol resplandecente seriam nossas comunidades, até as menores, até as minúsculas, até as capengas, no meio de um mundo em que a atração e a liberdade são escravas uma da outra, e assim não respiram, não criam amizade, não dilatam o coração e a vida. No mundo, a atração e a liberdade estão fundidas, e desta forma não se movem nem transformam a vida.

Graças a Deus, quantos testemunhos positivos temos disso! É maravilhoso que realidades assim estejam disseminadas na Igreja, na Fraternidade, nos movimentos e nas ordens. É assim que a Igreja vive e transforma o mundo, é assim que a Igreja é sal e fermento na massa do mundo. Não tanto porque nos amamos uns aos outros, mas *porque nos amamos assim*, de um jeito que até o abraço entre marido e mulher dá corpo a esse chamado, expressa o dizermos um ao outro – como Marta a Maria, como André a Pedro, como a Samaritana ao povo de sua cidade – que Cristo está presente e atrai você para Ele, chama a sua liberdade para ir até Ele, a fim de que Ele seja a Ressurreição e a Vida da sua vida. É amarmo-nos assim o que faz da Igreja o sal da terra e a luz do mundo.

⁷² Jo 11,25.

⁷³ Jo 11,25b-26.

Não há abraço, não há amizade nem há fraternidade mais profunda e íntima do que esta. Por quê? Porque significa que o que nos une, o que nos cinge (também entre marido e mulher), é, como diz Santo Agostinho,⁷⁴ aquilo que é mais íntimo para mim do que eu mesmo, aquilo que é mais íntimo para você do que você mesmo, aquilo que é mais íntimo para nós do que nós mesmos, do que a nossa intimidade: a plenitude para a qual o coração é feito e satisfeito por Cristo, por Deus, por Deus em Cristo.

Esta intensidade, esta profundidade de relações vence a morte e a separação entre nós que a morte parece criar. Porque é a presença do Ressuscitado, d'Aquele que nos ressuscita, que é Vida da vida, é a presença do Ressuscitado a que chama também mediante a morte e mediante a separação. Aquele que atrai meu coração é o mesmo, é a mesma Presença que atrai a pessoa amada para Ele na morte, através da morte. Aquele que atrai meu coração para si é o mesmo que atrai a pessoa que amo para a vida eterna. *A morte é o sinal misterioso da definitividade da nossa vocação, o sinal definitivo de que não precisamos de nada além d'Ele para viver.* E se é isso o que nos une, se é essa realidade o que nos une, unindo com o coração e não com a cabeça, então, mesmo na dor que a condição humana não pode deixar de vivenciar, a realidade é um ficarmos ainda mais unidos, em Cristo, na Vida. No limite, sou eu que ainda preciso fazer um caminho nesse sentido, que ainda preciso fazer o caminho que Marta fez na direção de Cristo e, portanto, na direção da sua irmã ou do seu irmão, mas a realidade é que quem está mais na presença de Cristo está mais presente a mim do que eu mesmo, mais perto da verdade do meu coração do que eu mesmo...

A fonte do carisma

Essa fraternidade que comunica o chamado de Cristo presente, plenitude do coração, é a missão *ad intra* e *ad extra* da Igreja, de qualquer comunidade, de toda realidade eclesial. É a tarefa da Igreja viver essa fraternidade. É também a substância de todo carisma. Se refletirmos bem, vemos que no fundo todo carisma eclesial é uma modalidade específica, uma encarnação específica da transmissão ao homem do chamado de Cristo à liberdade, para que quem é alcançado por ele possa levantar-se, como Maria de Betânia, de sua dor muda para chegar à presença do Ressuscitado que preenche de Vida a nossa vida.

Cada carisma eclesial é uma modalidade particularmente adequada para ir dizer a todos, como Marta a Maria, que o Mestre está presente e nos chama a Si para responder ao nosso desejo de vida eterna. Cada carisma, para quem

⁷⁴ "... interior intimo meo et superior summo meo" (Santo Agostinho, *Confissões*, III,6,11).

está envolvido nele, carrega o fascínio desse chamado, fascínio porque corresponde a tudo o que meu coração deseja mesmo sem saber. O carisma que Deus escolheu para você é aquele em que esse chamado lhe chega com mais beleza, concretude e verdade. É aquele em que esse chamado continua ecoando em você, principalmente se você aderir ao método que cada carisma acarreta para tornar esse chamado um apelo constante à presença de Cristo e, então, à plenitude do coração; um apelo à presença de Cristo e, portanto, à Ressurreição e Vida da sua vida.

A renovação de um carisma é sempre um retorno de atenção e de afeição a esta experiência original. A nascente de um grande rio não é um momento do passado, mas uma origem constante. Voltar para ela não implica voltar atrás por centenas ou milhares de quilômetros ao longo do curso do rio, mas retomar a consciência de que a água que corre agora, no presente da sua vida e da sua comunidade, é sempre alimentada pela nascente, mesmo que infiltrações de água suja ou de detritos sempre sejam possíveis, porque somos homens, somos pecadores e somos sempre perseguidos. A presença de água suja e de detritos no fluir da Igreja ocorreu desde a primeira comunidade cristã. Mas a água, se corre, sempre vem da nascente, e nós também somos chamados a “correr” agora, no braço de rio em que entramos, com esta consciência. A consciência da origem, da nascente, mantida e retomada no correr do rio, no escorrer do rio, também nos ajuda a discernir o que não vem da nascente, ou a aceitar que, graças a Deus, há afluentes que vêm reforçar o fluxo do rio sem lhe enturvar a água. É assim que a Igreja “corre” através dos séculos, e assim também cada família carismática que nasce nela, como pode ser um movimento ou uma ordem antiga como a minha.

O importante é não perder a consciência de que cada novo carisma é, no fundo, sempre um afluente que vem reforçar o fluxo do grande rio da Igreja, cuja nascente em sua origem é o lado aberto do Crucificado, o sopro do Ressuscitado no Cenáculo, o Pentecostes. Quando a Igreja reconhece que um carisma é seu, ela o faz reconhecendo no desaguar dele no grande rio da Igreja a mesma água original, a mesma “água viva” da Origem da própria Igreja. Por isso é importante que cada carisma sempre se deixe verificar pela Igreja em sua fidelidade à origem, tanto do carisma quanto da própria Igreja; origem que, em última instância, é sempre e somente o Cristo Ressuscitado, Vida da vida do mundo.

O seguimento de João

Por isso sempre precisamos do carisma petrino, precisamos de Pedro, precisamos ser confirmados por ele na fé e na fidelidade à origem, porque a Origem

é o Ressuscitado, e apesar de todas as suas hesitações, todas as suas misérias humanas, desde os primórdios da Igreja Pedro é a testemunha privilegiada da Ressurreição, de que Cristo é a vida, a Ressurreição e a vida do homem; ele é a testemunha de que o Ressuscitado está presente e podemos encontrá-Lo e segui-Lo. Há uma espécie de grito que ecoa na Igreja primitiva, na Igreja da origem: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!”⁷⁵ e a Liturgia repete isso. Jesus apareceu primeiro às mulheres, apareceu aos discípulos de Emaús, apareceu a todos os apóstolos, etc., mas é como se a garantia última da Ressurreição fosse principalmente Pedro; é como se todas as aparições do Ressuscitado fossem todas garantidas e verificadas pela aparição a Pedro. E todos os que recebiam uma aparição do Ressuscitado iam até ele, corriam para lhe contar tudo (Madalena, as mulheres, os dois discípulos de Emaús, todos correram para contar tudo a Pedro). E hoje continua sendo assim. Toda a manifestação e a atuação de Cristo e do Espírito que o Ressuscitado sopra sobre os discípulos, todos os carismas (porque os carismas são a vida do Ressuscitado na vida da Igreja, na vida do mundo), tudo está certo se Pedro o confirma com sua experiência de Cristo presente e vivo.

A grande cena do sim de Pedro, em João 21,15-19, é no fundo a investidura de Pedro em seu carisma pastoral, enraizado na tríplice e humilde confissão de amor a Cristo seguida da missão de se tornar pastor universal: “Apascenta meus cordeiros” – “Pastoreia minhas ovelhas” – “Apascenta minhas ovelhas”.⁷⁶ Mas tudo isso se dá entre Cristo Ressuscitado e Pedro, é obra do Ressuscitado, e é como Ressuscitado que Jesus pede a Pedro que O siga: “Tu, porém, segue-me!”⁷⁷ Antes da Ressurreição, Jesus anunciou o primado de Pedro, mas é depois da Ressurreição que Jesus consagra Pedro em sua missão, ou seja, torna-o aquilo a que Ele o chama, transforma-o para nós, como definiu Santa Catarina de Sena a respeito do Papa, no “doce Cristo na terra”,⁷⁸ presença do Ressuscitado na terra, garantia da presença do Ressuscitado na terra.

João, que talvez seja o mais “carismático” dos apóstolos, o mais afiado, o mais místico, o mais profético, o mais ardente no amor e na amizade com Cristo, longe de tirar de tudo um motivo para sentir-se superior, entendeu que nessa escolha do Mestre do primado de Pedro estava o caminho seguro para viverem os seus carismas seguindo Cristo. Já quando foi ao sepulcro na manhã de Páscoa, mesmo tendo corrido mais rápido que Pedro, ele para e espera. Por quê? Porque quer entrar no sepulcro *seguindo* Pedro, quer acreditar dentro

⁷⁵ Lc 24,34.

⁷⁶ Cf. Jo 21,15-17.

⁷⁷ Jo 21,22.

⁷⁸ Santa Catarina de Sena, *Carta a Gregório XI*, n. 185.

de um seguimento, como aprendeu seguindo o próprio Jesus. E no fim de seu Evangelho, vemos que, enquanto Jesus se afasta com Pedro, a quem pediu que O seguisse, João os segue. Quer dizer, ele segue Pedro, que segue Jesus; *segue o seguimento de Pedro*.

“Voltando-se, Pedro viu que também o seguia o discípulo a quem Jesus amava; aquele que na ceia se reclinara ao seu peito perguntando: ‘Senhor, quem é que vai te trair?’ Quando Pedro viu aquele discípulo, perguntou a Jesus: ‘E este, Senhor?’ Jesus respondeu: ‘Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Tu, porém, segue-me’.”⁷⁹

É como se Jesus dissesse: “Não te preocupes com o que será dele, do seu carisma. Eu mesmo vou tratar de fazer com que seu carisma fique sempre presente na Igreja até a Parúsia! Basta que tu vejas que ele está seguindo a ti, que Me segues. Isso é suficiente para que o carisma dele, e toda a Igreja com ele, sejam fecundos, deem fruto para a minha glória e a salvação do mundo”.

Mas o importante para cada um de nós é a possibilidade que o apego a Pedro deu a João para crer, para ser firme na fé em Cristo Ressuscitado, para responder como Marta à pergunta de Jesus: “Crês nisto?”, não tanto com palavras de fé, mas com uma posição do eu firme no apego ao Senhor. Depois de ter entrado no sepulcro seguindo Pedro, João “viu e creu”.⁸⁰ Fez experiência de uma graça de fé, a experiência de ser revestido pelo acontecimento da Ressurreição, da presença do Ressuscitado, e entendeu que essa graça estava ligada ao seguimento de Pedro. Desta forma, de agora em diante, tanto nas aparições do Ressuscitado, como a que ocorreu no lago de Tiberíades, quanto na missão descrita nos *Atos dos Apóstolos*, sempre veremos João seguindo Pedro, fazendo junto com ele experiência do Ressuscitado e de que Cristo é a Vida da vida. Milagres, anúncio, tudo ele faz ligado a Pedro. E isso, por sua vez, permitirá que João, com seu carisma, fecunde o ministério de Pedro e o ajude a reconhecer o Ressuscitado, como quando lhe disse: “É o Senhor!”⁸¹ depois da pesca milagrosa. E aqui *Pedro obedece ao carisma de João*, pois este o ajuda a reconhecer o Ressuscitado presente, em direção ao qual Pedro foi o primeiro a ir lançando-se na água para que todos os outros pudessem, naquele momento e sempre, segui-lo até Jesus.

Digo isto porque a identificação com o Evangelho nos ajuda a situar nossa vida e o que nos acontece, as circunstâncias que vivemos, tudo, no âmbito do acontecimento de Cristo Ressuscitado. E não se trata de um exercício de criatividade, um sonho acordado, pois na Igreja, nos sacramentos e no Evangelho

⁷⁹ Jo 21,20-22.

⁸⁰ Jo 20,8.

⁸¹ Jo 21,7.

Cristo Ressuscitado continua sendo um acontecimento presente, e portanto realmente encontrável, ao qual realmente podemos assimilar-nos, identificar-nos, encontrando assim a posição certa da vida. Uma posição certa que, justamente por nos introduzir no acontecimento do Cristo pascal, é uma posição alegre, fecunda, cheia de paz e de simpatia pela humanidade inteira, que anseia pelo anúncio de que o Ressuscitado está aqui e chama todos à salvação na comunhão com Ele, Vida da vida e Misericórdia do Pai.

O que vence o naufrágio

As últimas cenas dos *Atos dos Apóstolos*, redigidos admiravelmente por São Lucas, narram a viagem de São Paulo a Roma e sua chegada à cidade eterna, onde São Paulo passaria dois anos em prisão domiciliar à espera de que sua causa fosse apresentada ao tribunal imperial. A última cena dele que os *Atos* apresentam é resumida em dois versículos: “Paulo morou dois anos numa casa alugada. Ele recebia todos os que o procuravam, proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo, com toda a liberdade e sem impedimento”.⁸²

Paulo, mesmo confinado, mesmo à espera do julgamento, perseguido pelos judeus e à mercê da lentidão da burocracia romana – que em dois mil anos não melhorou muito! –, Paulo é um homem livre, livre para acolher a todos e dar testemunho do acontecimento de Cristo que revolucionou sua existência. Paulo está livre do medo. Não pode deslocar-se, mas nada acorrenta seu desejo de transmitir o sentido da vida que ele encontrou, pois é um sentido da vida que dá sentido também ao sofrimento e à morte. Toda a liberdade de Paulo está em seu coração, pois consiste numa fé, numa esperança e numa caridade para cuja posse basta o sim de um coração pobre, que não pretende possuir nada sem recebê-lo de Deus. Paulo é livre porque não precisa de nada mais além de Cristo, e Cristo está com Ele, vive n’Ele. Retomando as palavras de Montini, ele acolheu em si a Páscoa exatamente como “proclamação da necessidade de Cristo, nossa vida”.

Penso no testemunho de tantos homens e mulheres que, com sua fé e seu apego a Cristo, venceram, por assim dizer, o naufrágio a partir de dentro, entre as ondas que destruíam tudo, com a posição de seu coração, com a consistência de seu eu toda apoiada em Cristo.

Nestas cenas, São Paulo nos lembra os grandes santos que estamos conhecendo, como o Cardeal Van Thuán em seus anos de prisão, ou como Takashi

⁸² At 28,30-31.

Nagai, um médico japonês de quem espero que saia logo (além do *Pensamentos de Nyokodō*, que são as lindas reflexões que ele fez a partir do seu casebre depois que Nagasaki fora destruída pela bomba) *Aquilo que nunca morre*, sua autobiografia até a explosão da bomba, porque aí dá para ver exatamente o testemunho de um homem cuja vida é Cristo, só Cristo. Assim, mesmo quando perdeu tudo, quando tudo foi destruído, eis que ele, como uma plantinha que volta a florescer, com sua fé em Cristo começou uma vida nova que não era só para ele, mas para todos.

Mas esta cena de estabilidade do apóstolo Paulo em sua casa de Roma é precedida, quase que imediatamente, por uma experiência trágica, por uma viagem terrível. Paulo, viajando de Cesareia para Roma, sofrera um naufrágio no Mediterrâneo. Lucas, que estava com ele e por isso contou tudo na primeira pessoa do plural, oferece-nos uma crônica digna do mais atento dos repórteres, e provavelmente até dos melhores romancistas de aventura.

Mas o relato desse naufrágio não é só uma página sublime de literatura e também de documentação sobre a arte da navegação na época greco-romana. É uma página da Sagrada Escritura em que é anunciado um olhar de fé sobre a história e suas tragédias, para podermos interpretar e viver melhor toda e qualquer circunstância como uma oportunidade de crescimento naquilo que verdadeiramente vale a vida do homem.

Paulo, no navio que primeiro ficou à deriva e depois naufragou na ilha de Malta, mesmo sendo prisioneiro, dominou toda a situação e tornou-se como que o *diretor da salvação de todos*. Vou ler esta página, que vai permitir que vocês descansem do seu esforço de atenção para me ouvirem, pois é um relato de aventuras, mas principalmente porque é riquíssimo e nos fala do tempo presente.

“Quando, no dia seguinte, fomos violentamente sacudidos pela tempestade, começaram a jogar a carga ao mar. No terceiro dia, com as próprias mãos, lançaram no mar o equipamento do navio. Por vários dias, não vimos nem sol, nem estrelas, e a violenta tempestade continuava a nos ameaçar. Já tínhamos perdido toda a esperança de salvação. Estávamos muito tempo sem comer nada. Então, Paulo se pôs de pé no meio deles e disse: ‘Amigos, se me tivésseis escutado e não tivésseis saído de Creta, teríamos evitado este perigo e prejuízo [aqui faz um pouco a Marta da situação!]. Apesar disso, aconselho que sejais corajosos, porque ninguém de vós vai morrer. Só perdereis o navio. Esta noite, apareceu-me um anjo daquele Deus ao qual pertenço e a quem sirvo. O anjo me disse: ‘Não tenhas medo, Paulo. Deves comparecer diante de César. Deus concedeu-te a vida de todos os teus companheiros de viagem’. Portanto, coragem, senhores! Tenho confiança em Deus de que as coisas acontecerão como me foi dito. To-

davia, devemos encalhar em alguma ilha'. Já fazia quatorze noites que éramos jogados de um lado para outro no mar Adriático, quando, pela meia-noite, os marinheiros viram sinal de terra. Lançaram a sonda, e deu uns trinta metros de profundidade; um pouco mais adiante, lançaram novamente a sonda, e deu uns vinte. Com medo de que o navio batesse em rochas, eles desceram quatro âncoras do lado de trás do navio e esperavam, ansiosamente, o raiar do dia. Entretanto, os marinheiros tentavam fugir do navio. Com o pretexto de jogar âncoras a partir da proa, já estavam descendo o bote ao mar. Paulo disse então ao centurião e aos soldados: 'Se eles não ficarem no navio, não vos salvareis'. Então, os soldados cortaram as cordas do bote e o deixaram cair no mar. Esperando que amanhecesse, Paulo insistia para que todos comessem. Dizia: 'Já faz quatorze dias que estais esperando, em jejum, sem comer nada. Aconselho que vos alimenteis: é necessário para a saúde. Ninguém de vós perderá um cabelo da cabeça'. Depois de dizer isso, Paulo tomou o pão, deu graças a Deus diante de todos, partiu o pão e começou a comer. Então todos se reanimaram e alimentaram-se também. No navio, éramos ao todo duzentas e setenta e seis pessoas.⁸³

Temos de meditar sobre esta cena pensando nos nossos naufrágios, nos naufrágios do nosso tempo, da pandemia à guerra na Ucrânia com todo o caos político, econômico, social e psicológico, mas também religioso, que têm provocado no mundo. Temos de meditar sobre esta cena pensando nos naufrágios mais pessoais, ou familiares, ou comunitários em que estamos envolvidos ou que envolvem nossos entes queridos e nossos amigos.

O navio em que Paulo estava viajando é símbolo do mundo e da sociedade na qual estamos viajando para irmos até o destino previsto para cada um de nós. E eis que Paulo se dá conta, é-lhe revelado, que todos esses companheiros de viagem não são indiferentes ao seu destino pessoal, ao caminho da sua vida que segue Cristo. É-lhe revelado que Deus salvará todos com ele, que Deus não o salvará sem esse povo totalmente ignorante e inconsciente de Cristo. Paulo se dá conta de que, para salvar a todos, o Senhor se fez seguir por ele nesse navio em naufrágio. E então Paulo entende que deve comunicar a todos a sua certeza, comunicar a todos que ele tem certeza porque está apegado a Cristo, e que ele é sensível à necessidade de vida e à fome dos seus companheiros porque sua fome é saciada por Cristo presente, porque seu coração é saciado pelo único Pão de Vida de que realmente temos necessidade.

Paulo não faz uma grande pregação para converter todos aqueles naufragos desesperados da vida. Paulo agarra-se à Presença d'Aquele que é toda a sua

⁸³ At 27,18-37.

consistência. E fica tranquilo e alegre, sem nem um pingo de medo, porque lhe basta Jesus, o Ressuscitado que se deu a ele a ponto de morrer por ele e para todos fazendo-se Corpo e Sangue para comer e beber, no meio do naufrágio, a fim de nutrir a nossa vida com a sua Vida.

Mas, vivendo isso, Paulo percebe, com um espanto com que não podemos acostumar-nos, que Cristo, ao saciá-lo, sacia a todos; que Cristo, ao salvá-lo, salva a todos; que *Cristo, a Vida da sua vida* – e justamente por ser a Vida da sua vida –, *é a Vida de todos*.

E já não há um único homem na face da terra que não seja para ele, para sempre, um irmão!

Vamos escutar o *Regina Caeli* cantado pelo coro.

Domingo, 1 de maio, manhã

Na entrada e na saída:

Nikolai Rimsky-Korsakov, A grande Páscoa russa, op. 36

Ernest Ansermet – Orquestra da Suíça Romanda

“Spirto gentil” n. 29, (Decca) Universal

Ângelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Chegamos ao fim, ao ato final deste gesto de Exercícios que – devo dizer – foram realmente algo para agradecermos, dado o momento que estamos vivendo e as perguntas que tínhamos. De fato, gratidão é a palavra que dominou as contribuições que chegaram por e-mail ontem à noite: gratidão pelo testemunho do Pe. Mauro, gratidão por estes Exercícios, gratidão por estarmos juntos novamente, gratidão porque o Movimento ainda existe. Isso não é óbvio, tudo isso existe porque Deus quer que continue existindo; se não quisesse, não haveria mais nada de tudo isso. Chegamos aqui (como dissemos na primeira noite) com muitas perguntas, com muitas preocupações – pessoais e comunitárias – sobre a vida do Movimento, sobre a situação que estamos vivendo, sobre o mundo, a guerra, a dor e o sofrimento, mas o que aconteceu, isto de que participamos preencheu todo o espaço do nosso coração, empurrando o resto para um canto, ou melhor, lançando uma luz nova e inesperada sobre todo o resto – ao menos no que me diz respeito –, pacificando-o.

Queria retomar, a esse respeito, uma coisa que o Padre Mauro nos disse ontem de manhã: “‘Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá.’ É disto, só disto que precisamos, que todos precisam. Essa é a única coisa necessária. Precisamos de uma vida que nos ressuscite da morte, de toda morte, de toda face que a morte e o mal assumem na vida pessoal, na família, na comunidade, no mundo inteiro. Todo o resto são as mil coisas que nos preocupam e trazem ansiedade sem serem necessárias, pois nunca respondem à necessidade verdadeira do coração, de todos os corações”⁸⁴.

⁸⁴ Ver aqui, p. 36.

Então perguntemo-nos, como eu mesmo me perguntei: por que aconteceu? Por que pôde acontecer? Em que consiste esse testemunho que nos foi dado?

Há uma afirmação de Péguy que capta bem a questão: “Quando o aluno não faz mais que repetir não a mesma ressonância, mas um decalque miserável do pensamento do mestre; quando o aluno não é mais que um aluno, quer seja ele o maior dos alunos, ele nunca produzirá nada. Um aluno só começa a criar quando ele mesmo introduz uma ressonância nova (ou seja, na medida em que não é um aluno). Não que não deva ter um mestre, mas a pessoa deve descender de outra pelas vias naturais da filiação, não pelas vias escolares do discipulado”.⁸⁵ Em 1989, Giussani comentou essa passagem de Péguy com estas palavras: “Esta é a necessidade da nossa companhia, para que ela seja fonte de missão no mundo inteiro: não discipulado, não repetitividade, mas *filiação*. A introdução de um eco e de uma ressonância nova é própria do filho que tem a natureza do pai. Tem a mesma natureza, mas é uma realidade nova. Tanto é verdade, que o filho pode fazer melhor que o pai e o pai pode olhar todo feliz para o filho, que se tornou maior que ele. Mas o que o filho faz é grande justa e somente na medida em que realiza mais aquilo que o pai sentiu. Portanto, para a organicidade viva da nossa companhia, não existe nada mais contraditório do que, por um lado, a afirmação da própria opinião, da própria medida, do próprio modo de sentir e, por outro lado, a repetitividade. A filiação é o que gera: o sangue de um – do pai – corre no coração do outro – o filho – e gera uma capacidade de realização distinta. Assim se multiplica a dilata o grande Mistério da Sua presença, para que todos O vejam dando glória a Deus”.⁸⁶

Pois então, eu acho que nestes dias nós pudemos viver essa experiência e participar dela: o que quer dizer ser filhos. Por isso lhe agradecemos.

Chegaram inúmeras perguntas. Escolhemos algumas dentre as mais recorrentes.

“‘Só uma coisa é a que vale.’ Mesmo assim, essa única coisa fica continuamente em segundo plano, esquecida, e então, no fim das contas, é pouco amada, pouco conhecida, às vezes posta em xeque. Como deixar que a Presença se torne familiar, presente, verdadeira, alimentando concretamente a vida?”

“Se Cristo basta, o que é todo o resto? A fome, o desejo, o trabalho, a política, a paixão, o sentimento, a guerra: o que são todas essas coisas?”

Pe. Mauro-Giuseppe Lepori. Como é que a Presença se torna familiar? Vieram-me à mente as bodas de Caná: Jesus também foi convidado para as bodas. Há como que um convite para entrar na nossa vida familiar, na familia-

⁸⁵ Cf. Ch. Péguy, *Cahiers*, VIII, XI [3.2.1907].

⁸⁶ L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Milão: Bur, 2003, p. 50.

ridade da nossa vida, e Jesus vir – claro – é o fruto também da liberdade que o convida, mas é uma gratuidade. Eles não se davam conta de quem estavam convidando quando convidaram Jesus para as bodas, mas se Ele não tivesse ido, o vinho teria acabado, a água teria permanecido água, a vida familiar daquele casal, nossa vida familiar, nossa vida de todos os dias permaneceria sendo o que é: uma realidade que se esgota. Pois bem, é muito importante dar-nos conta de que Cristo se deixa convidar com extrema facilidade (é mais fácil convidá-Lo a Ele que ao abade geral!), pois Ele já está atrás da porta. Nós O convidamos, mas Ele já está atrás da porta da nossa vida batendo, já está aqui. É suficiente o “sim” de uma liberdade que Lhe diz: “Pode entrar!” (“Em frente, coragem!”,⁸⁷ como dizia o canto do início), mas é um “Pode entrar” que dizemos a Cristo: “Vá em frente, entre!” Só esse “sim” já é suficiente, porque, se a presença d’Ele exigisse um jeito mais complicado que dizendo-Lhe “Vem!” para se tornar familiar, trairíamos a gratuidade dessa Presença; mas é uma gratuidade absoluta.

“Se Cristo basta, o que é todo o resto? A fome, o desejo, o trabalho, a política, a paixão, o sentimento, a guerra: o que são todas essas coisas?” Tudo isso anseia por Cristo, isto é, tudo isso é o rosto concreto de um grito, da necessidade d’Ele, da sede d’Ele, do vazio que se cria na vida quando Ele não está. Por isso, abraçando Cristo, eu não nego, não digo que tudo isso não é nada, mas afirmo ainda mais que tudo isso quer ser, quer verdadeiramente ser cheio de realidade. Se eu não abraçar Cristo, se não deixar Cristo entrar na minha casa, minha casa vai ficar vazia como casa, e nada mais tem sentido: nem a mesa, nem a cadeira, nada. Reconhecer que tudo tende para Ele transforma cada instante da nossa vida diária no lugar da verificação da Sua presença, verificação de que Ele está presente.

Prosperi. “Você disse que há unidade entre os discípulos porque Cristo é tudo para o coração do homem. Às vezes, na comunidade, o desejo de unidade periga ser teorizado como algo para alcançarmos e construirmos com nossas próprias forças e nosso próprio esforço, deixando de lado o acontecimento de Cristo e assim vivendo tibiamente o encontro com o outro e a sua experiência.”

Lepori. Nós temos de nos render ao fato de que nossa unidade é obra de Alguém, de uma Presença; não é algo – como uma ponte – que construímos entre nós, não é um pacto entre nós, mas é realmente gerada por Alguém. Isso é tudo na experiência da Igreja e também na experiência do ecumenismo: exatamente

⁸⁷ F. Ferrari (“Zot”), “Avanti, forza”.

reconhecemos novamente que a nossa unidade não é construída por nós, mas se dá se reconhecemos que Ele está no meio de nós, que Ele está aqui.

E isso vale para tudo: não somos nós que temos de construir a presença de Cristo, e sim reconhecer. Quando Madre Teresa dizia que é preciso reconhecer Cristo no pobre, não o dizia no sentido de que a pessoa tem de fazer um esforço de vontade para dizer: “Esse esfarrapado ou leproso é Cristo”, mas deve reconhecer que Cristo está no pobre, se manifesta no pobre, vem ao seu encontro no pobre e em cada irmão e irmã. E isso cria uma unidade com todos e com tudo que é infinita, pois o que eu reconheço no outro é Aquele de quem eu realmente preciso. São Bento diz: “Quando chegar um peregrino ou um pobre, há que correr ao seu encontro e adorar o Cristo nele”,⁸⁸ ou seja, reconheçê-Lo assim presente no outro, reconhecer que Ele vem, que Ele está ali, que é uma realidade ontológica. E é o fundamento de tudo, de toda a substância da caridade, da comunhão: reconhecer que a presença de Cristo é ontológica e eu não sou chamado a invocá-la como a um espírito, mas a reconhecê-la presente e, reconhecendo-a presente, manifestá-la.

Prosperi. “Você definiu o silêncio como o caminho mestre para enfrentarmos a desordem da nossa vida. Que quer dizer para você fazer silêncio diariamente? E como nós leigos, imersos no mundo até o pescoço, podemos educar-nos nessa prática, para nós também ouvirmos o Mestre falando?”

Lepori. Fazer silêncio significa, em primeiro lugar, reconhecer que não somos nós que fazemos o silêncio; o silêncio é criado por Cristo, que nos fala. Uma vez que há uma única Palavra que vale a pena escutar (como diz a *Imitação de Cristo*: “Em uma palavra está tudo, e tudo expressa uma só palavra...”⁸⁹), eu faço silêncio. Se eu sei que só há uma coisa que preciso escutar, inclino-me para ouvir apenas a ela, e este é o silêncio.

Creio que toda vocação, toda forma de vida deve encontrar e viver sua forma de silêncio, sua forma de escuta a Cristo, sua disciplina – inclusive – de escuta a Cristo. Cada um deve perguntar-se: “O que me ajuda a ouvir Cristo sempre, qual é aquele gesto, aquele momento, aquela disciplina pela qual aprendo a ficar sempre aberto ou a despertar continuamente da minha distração, do meu barulho, das minhas conversas, de tudo?” Escutá-Lo, a Ele que está aqui e fala

⁸⁸ Cf. RB 53,1-7.

⁸⁹ “*Ex uno Verbo omnia et unum loquuntur omnia, et hoc est Principium quod et loquitur nobis*” (“Desse Verbo único procedem todas as coisas, e todas o proclamam e esse é o princípio que também nos fala”); *Imitação de Cristo*, Livro Primeiro, 3, 2).

comigo. “Sou eu, que falo contigo”,⁹⁰ disse Jesus à Samaritana. Dom Filippo Santoro falou a vocês dos dez minutos de Escola de Comunidade por dia; talvez seja exatamente esse o “sim” à palavra e ao silêncio que é pedido a quem vive no mundo, aos leigos. Aos *Memores* pede-se uma hora de silêncio no dia, aos monges pode ser o dia inteiro em silêncio, mas é a mesma coisa, é exatamente a mesma coisa. O propósito não é ser silencioso, o propósito é viver escutando Cristo. Eu agora quase não vivo estavelmente num mosteiro, com todo o silêncio que ele implica, com toda a disciplina de silêncio que o mosteiro oferece, mas me dou conta de que a disciplina que cultivei quando noviço, quando era um monge jovem, e depois por vinte e seis anos no meu mosteiro, me acompanha por dentro, de modo que eu ouço Cristo mesmo no meio do barulho, também nas viagens, nos aeroportos, porque é uma necessidade minha. Quem ouve nem que seja uma única palavra de Cristo que venha verdadeiramente d’Ele não pode deixar de viver na saudade de voltar a ouvi-Lo falar. “Eu não poderia viver se não o ouvisse falar.”⁹¹ Isso cria o silêncio, e precisamos disso! Não precisamos do silêncio, mas precisamos que Cristo fale conosco!

Prosperi. “Marta fez um caminho de consciência, um trabalho sobre si que dilatou sua humanidade na certeza de Cristo como resposta à sua necessidade. De que passos é feito esse caminho, qual é esse trabalho? Se a dilatação da própria humanidade ocorre no tempo, onde é que eu consigo entender que estou fazendo esse trabalho e que não estou, no fundo, seguindo a mim mesmo?”

“Em suas palestras, você destacou o caráter decisivo da verificação que Marta, Maria e Lázaro fizeram em relação ao encontro e às palavras de Jesus. Pode explicar melhor os termos dessa verificação? Em que consiste?”

Lepori. Eu diria que, para fazermos o caminho de Marta, bastaria perguntar-nos: “O que estou fazendo com a insatisfação que sinto? O que estou fazendo com a insatisfação que sinto em tudo o que faço, inclusive no que faço esperando uma satisfação, que pode até durar, mas que sempre – sempre! – mostra que não é... ‘não é por isso, não é por isso!’, gritava Reborá.⁹² O que fazemos com a insatisfação diária que sentimos em tudo, em todas as relações, em tudo o que fazemos? Será que a arrastamos para dentro de uma reclamação constante que domina nossa vida, ou a convertemos em pergunta, fazemos com que se torne

⁹⁰ Jo 4,26.

⁹¹ Cf. J.A. Möhler, *L’unità nella Chiesa, cioè il principio del cattolicesimo nello spirito dei Padri della Chiesa dei primi tre secoli*, Roma: Città Nuova Editrice, 1969, p. 71.

⁹² C. Reborá, “Sacchi a terra per gli occhi”, in Idem, *Le Poesie*, Milão: Garzanti, 1988, pp. 141ss.

lugar de silêncio onde verifico que Outro preenche a minha vida, que eu preciso que aconteça algo diferente?” Assim, a insatisfação torna-se mestra quando nos faz pedir, quando a vida se enche de pedido. Eu imagino que Marta, daquele dia em diante, toda vez que ficava tomada da insatisfação pelo que ela era ou pelo que os outros eram ou pelo que sua situação de vida era, era como se parasse na hora e dissesse a si mesma: “Não, não, agora eu vi que reclamar não é fazer um bom uso da minha insatisfação”. Reclamar não me corresponde, só faz arrastar a insatisfação, porque nós não fomos feitos para a insatisfação, fomos feitos para a felicidade. Então imediatamente, com certeza nela volta a acontecer esse pedido, que era um pedido por Cristo: “Senhor, Tu estás aqui, chama-me, isto é, dize mais uma vez aquela palavra, prova-me mais uma vez que só Tu me és necessário!” E então a insatisfação torna-se um caminho, o limite estrutural da nossa vida torna-se a escada, os degraus da nossa subida. Como diz São Bento: a escada da humildade constrói-se nos degraus da nossa humanidade, de modo que alguém sobe até Deus nos degraus mesmos da sua própria humanidade, que é sempre insuficiente para si mesma, graças a Deus.

“Em suas palestras, você destacou o caráter decisivo da verificação que Marta, Maria e Lázaro fizeram em relação ao encontro e às palavras de Jesus. Pode explicar melhor os termos dessa verificação?” A comunidade me ajuda, torna-se um lugar de verificação se me repete continuamente a frase de Marta a Maria: “O Mestre está aí e te chama”. Nós precisamos da comunidade objetivamente, como lugar onde sempre há alguém que me chama a atenção para isto; sempre há alguém que – enquanto eu vivo a reclamação, enquanto estou perdido e desperdiço a vida – me faz lembrar que, pelo contrário, aquilo que meu coração deseja está realmente presente. E a comunidade é o sinal mesmo de que essa Presença é ontológica, pois é algo diferente de mim, lembra-me que não sou eu quem cria o que me é necessário, o Cristo que me é necessário, mas me é dado num sinal objetivo, de carne. Jesus decidiu assim justamente para nos dar o sinal objetivo da Sua presença real. E, se eu vivo assim a comunidade e a relação com os outros, a própria relação torna-se verificação de que Cristo preenche o coração.

Prosperi. Acho que isso já responde à pergunta seguinte: “Que significa que a comunhão é partilhar a verificação?” Aliás – se me permitem –, Dom Giussani disse-nos muitas vezes aquilo que você disse antes, ou seja, que o limite é um degrau para Deus; e isso demonstra que nossa história está inserida numa grande história.

Lepori. Impressiona-me que, quando Jesus disse a Marta: “Tua irmã escolheu a melhor parte”, não o disse querendo afirmar: “Veja só como ela é melhor

do que você”; disse-lhe aquilo para criar uma companhia com a irmã dela em torno da melhor parte, isto é, como uma forma de ela estar com sua irmã, como uma relação que verificasse isto entre elas; criou entre elas uma verdadeira fraternidade, uma verdadeira comunidade, fez com que se tornassem uma fraternidade cristã, lugar onde o fato de minha irmã ter escolhido, mais e melhor do que eu, o que é mais necessário para mim, é isso o que me faz viver uma verdadeira fraternidade e faz com que a relação com minha irmã já não seja um lugar de competição, mas justamente de partilha de Cristo, partilha da verificação de que só Ele responde à sede do coração. E o fato de minha irmã estar mais à frente do que eu nessa verificação é um dom para a minha vida, faz com que eu também avance mais. E é essa mesma a grande beleza da comunhão cristã, tal como era na primeira comunidade cristã: de verdade tinham tudo em comum. Mas o importante não é ter em comum o dinheiro (isto também), mas ter em comum Cristo em primeiro lugar, Cristo como aquele que é mais importante que o dinheiro, de modo que não era um problema para os primeiros cristãos dividirem o dinheiro, uma vez que tinham em comum a única coisa de que o coração tem necessidade.

Prosperi. Desculpe, Mauro, se lhe peço que aprofunde isso, porque nessa pergunta talvez esteja contido também o pedido de uma ajuda para entender como podemos deixar-nos pôr em xeque, como Marta se deixou. Porque – como você disse agora –, no momento em que Marta reconhece que aquela palavra que Jesus lhe dirigiu lhe sugere que enxergue em sua irmã algo que pode fazer com que ela também cresça; e ela acolhe essa sugestão – como você disse ontem –, talvez inicialmente com dificuldade, deve ter-se irritado, mas depois... às vezes nós achamos difícil deixar-nos pôr em xeque, ficamos apegados à imagem que temos de como deveria ser.

Lepori. Sim, deve ser porque nós temos essa herança do pecado original, e assim achamos que o que nos é mais caro seja uma coisa que devo agarrar “para mim”, que devo privatizar, e se eu não a possuir sozinho, então não a possuo de verdade. No entanto, com Cristo ocorre o exato oposto, ou seja: quanto mais O possuo com o outro, quanto mais O divido, mais O possuo por aquilo que é, pela realidade que é. E é por isso que a unidade entre nós, o pertencer e a posse de Cristo estão unidos, são a mesma coisa. Portanto, a pessoa pode até chegar a entender que, se fizer um sacrifício para o outro poder andar no próprio ritmo, a fim de respeitar o caminho do outro, ela também progride mais. São Bento diz: na comunidade é preciso manter um ritmo de caminhada pelo qual quem é mais forte não seja mortificado em seu ímpeto, mas também quem é mais fraco não fique desanimado nem fique para trás. Há uma espécie

de sacrifício mútuo. Por quê? Porque sabemos que uma única coisa nos une, então o esforço que faço para reconhecer e também para me adaptar ao ritmo dos outros é um esforço que preciso fazer para aderir a Cristo, não para ser bom ou para ser paciente, mas justamente porque Cristo está no meio de nós. Não sei se está claro.

Prosperi. Muito bem! Obrigado.

“Queríamos compreender melhor a afirmação de que o santo vive com verdade até o próprio pecado. Na vida do dia a dia, o pecado normalmente nos oprime e deprime. O que significa vivê-lo com verdade?”

Lepori. A verdade do pecado, do sermos pecadores, é o olhar de misericórdia de Jesus. Isso é o que nos revela a verdade do pecado. Não é o pecado em si que é verdadeiro. O problema é que, diante do pecado, nós nos pomos a medir o pecado, sua gravidade, seu efeito sobre nós, etc., mas não permitimos que o olhar de Cristo nos diga a verdade do pecado, que talvez seja ainda mais grave, pois pode ser inclusive uma verdade mais dolorosa do que a que eu meço; por exemplo, alguns pecados são mais graves do que os que mais me incomodam. Porém a verdade do pecado é o próprio olhar de Cristo, isto é, a misericórdia. E é isso que os santos entendem: são pecadores que permitiram que o olhar de Cristo lhes revelasse a verdade do pecado, de todo pecado, de modo que passaram até a ver mais sombras em si, muito mais miséria em si do que os outros; mesmo assim a viam sem separá-la do perdão e, assim, da santidade, porque se é santo por graça, porque Deus nos redime completamente. O santo é o homem redimido totalmente, que se deixa redimir totalmente, então é o homem humilde, o homem que mesmo com seu pecado não tem uma relação orgulhosa (“Eu errei!”, “Eu caí feio!”, “Onde está minha honra? Minha imagem?”). Não, o pecado é: “Eu errei, abandonei o Pai!”, e Cristo nos diz: “Volte!” O olhar de misericórdia de Cristo diz: “Volte, que o Pai o abraça, e no abraço o seu pecado se torna santidade”. É o canto do *Exsultet*: “Ó culpa tão feliz, que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”⁹³ A redenção de Cristo é um acontecimento tão incrível, que é feliz a culpa que me permite viver o abraço da misericórdia de Deus, fazer a experiência do abraço que os anjos não fazem. Um anjo não faz experiência da misericórdia; é incrível! Certamente tem consciência disso, mas não faz experiência desse abraço, e esta é uma coisa de outro mundo! É isto, é esta a grande verdade do nosso pecado.

⁹³ “*O felix culpa, quae talem ac tantum méruit habere Redemptore*”, *Exsultet* ou Precônio Pascal. *Missal Romano*, p. 275.

Prosperi. “Foi dito que a renovação do carisma é um retorno à origem. Que significa? Como se dá? Como não se reduz a uma interpretação nossa?”

“Pedimos para entender melhor a questão da nascente que continua alimentando nossa experiência hoje, para que não seja reduzida a um retorno nostálgico ao passado. O que garante a fidelidade à nascente e como se concretiza nossa contribuição para a Igreja e o mundo?”

Lepori. Vocês sabem que carisma quer dizer dom gratuito de Deus e que a nascente de um carisma é a gratuidade de Deus. Se se entende isso, entende-se que a nascente está garantida, nunca se há de esgotar, não é possível que se esgote. Se Deus retirasse Sua gratuidade, de certa forma teria de anular-se a si mesmo, mortificar-se a si mesmo. Os dons de Deus – diz São Paulo – não têm arrependimento, pois Deus não pode arrepender-se de ser gratuito, porque Deus é gratuidade. Um carisma – como todos os dons – vem dessa nascente; e nos momentos em que um carisma tem de ganhar nova consciência de si mesmo, ou quando talvez o humano pelo qual ele deve passar manifesta sua obtusidade, ou quando já não é tão transparente quanto deveria (porque desde os primórdios da Igreja houve a falta de transparência à gratuidade do Pentecostes), ou não é entendido e assim fica submetido a um tratamento ou olhar que não apreende a nascente, em todos esses momentos é importante que quem vive o carisma comece por retomar a consciência de que a nascente é a gratuidade de Deus. O problema é quando se pensa que a origem do carisma seja uma interpretação, seja o que eu cogito ou a forma como eu o vivo, como eu o entendi, como eu o vivi, e não essa transparência à gratuidade de Deus que na origem era mais nítida e que permanece como um testemunho vivo nos fundadores: ainda que estejam mortos, o testemunho que eles deram da gratuidade do carisma permanece, não fica menos nítido, menos fresco. O importante, então, é não traírmos esse testemunho.

E principalmente – penso eu – traímos a gratuidade do carisma quando temos medo de que morra, de que se perca, de que qualquer coisa seja suficiente para eliminá-lo, ou de que a nossa coerência é que tenha de garanti-lo. Pelo contrário, Deus (graças a Deus, graças a Ele!) surpreende-nos mostrando-nos sempre que há uma fonte gratuita que talvez, depois, acaba encontrando um jeito de manifestar-se por meio de riachinhos impensáveis: até mesmo as pessoas mais impensáveis num determinado momento se tornam as testemunhas da gratuidade do carisma muito mais do que quem, por exemplo, esteja no topo. É como na Igreja: há santos que da forma mais impensável levaram de volta a Igreja para a pureza da sua origem. Como nos tempos de Santa Catarina de Sena, essa mulher simples e inculta que se tornou uma testemunha da gratuidade do carisma de toda a Igreja mais do que o Papa; e o Papa a ouviu por

causa disso. É justamente este o mistério que não podemos trair: a gratuidade da nascente do carisma; não podemos trai-la com nossos medos e, principalmente, com nossas desconfianças em relação a Deus, à Igreja, a nós mesmos, ao grupo tal; essas desconfianças obscurecem o sentimento da gratuidade do carisma, porque aí realmente se trai até o fundador, trai-se quem deu a vida por isso, quem a deu e quem a dá hoje, quem dá a vida para que o carisma viva.

Prosperi. Obrigado.

“Você nos disse que a resposta de fé de Marta não deve ser procurada nela, que sua fé não depende de uma capacidade própria, mas ecoa o que ela vê. Mas para nós parece que a fé depende de nós, como um esforço nosso. O que pode ajudar-nos a fazer a experiência de Marta?”

Lepori. Temos de olhar para Jesus. A fé cresce na adesão a Cristo. A fé é a adesão a Cristo. Eu me lembro que no início (eu ainda estava no colegial) estava circulando um livrinho de Jacques Leclercq, do qual me lembro desta frase: “O núcleo da fé é a adesão a Cristo”,⁹⁴ e é verdade. Gosto muito desta cena em que Marta expressa sua fé olhando para Cristo, fazendo eco do que Cristo é e diz de si mesmo. Não é uma repetição de papagaio, mas é justamente uma repetição amorosa; trata-se de entender que a fé não é um dogma que eu recito, mas é o meu dizer “sim” a Cristo em Seu olhar-me e revelar-se a mim como a Ressurreição e a Vida da minha vida. Por isso temos de olhar para Cristo, olhá-Lo também entre nós, em nós, na comunidade, em todas as Suas presenças, porque aí vemos que Ele está, que Ele é verdadeiramente o Salvador do Mundo, como o fez a Samaritana, que foi levada à fé precisamente em diálogo com Jesus, que fez com que ela vasculhasse toda a sua vida até Ele poder dizer: “Quem te salva sou eu, que falo contigo”.⁹⁵ E isso vale para todos os encontros do Evangelho: sempre há um olhar para Cristo que enche a pessoa de fé, de fé verdadeira; de fato, até a Samaritana foi dizer na cidade: “Encontrei alguém que me disse isso”, ou seja, ela dá um testemunho de fé, ainda imaturo, mas dá um testemunho de fé. E isso vale para todos: a fé cresce na experiência de um acontecimento, e o acontecimento do qual a fé deve fazer experiência é a presença de Cristo, que te olha, te ama e te salva.

Prosperi. “Tenho a impressão de que há uma confusão de fundo que faz o seguimento a Cristo coincidir com as coisas e os gestos a fazer. O que é

⁹⁴ J. Leclercq, *Il problema della fede e gli intellettuali del XX secolo*, Milão: Vita e Pensiero, 1966, p. 10.

⁹⁵ Cf. Jo 4,26.

realmente o seguimento? Como faço para entender se na minha vida estou seguindo Cristo de verdade ou se estou seguindo a minha ideia de seguir Cristo? Posso viver o seguimento sem participar das coisas para fazer que a companhia me propõe?

Por que é necessário para a fé de João entrar no sepulcro depois de Pedro, por que é necessário seguir Pedro?”

Lepori. O seguimento não é fazer coisas nem tampouco ter uma relação apenas espiritual com Cristo; o seguimento é seguir uma presença pessoal, seguir pessoas, seguir uma Pessoa – Cristo – no sinal da Sua presença pessoal, que são as pessoas que O seguiram e que Ele indicou desde a origem como a encarnação da possibilidade de segui-Lo depois d’Ele, de segui-Lo realmente: Pedro, os apóstolos, etc. Sempre. A Igreja é esse sinal, e seguir a Igreja consiste exatamente em reconhecer esse sinal, que a Igreja é o lugar onde o seguimento de Cristo ocorre e permanece encarnado no meio de relações pessoais. Ninguém de nós seguiu Jesus Cristo seguindo uma aparição de Jesus Cristo, e sim porque encontrou pessoas, pessoas com autoridade (inclusive numa simplicidade total, como o carpinteiro com quem encontrei o Movimento há quarenta e tantos anos), porque reconhece que aí Cristo lhe pede que O siga. Então há uma atração, porque a Igreja segue em frente por atração, por atração a Cristo. Na minha opinião, sempre temos de nos perguntar se estamos seguindo pessoas e não coisas, se o nosso seguimento está encarnado no sinal de pessoas que Cristo deixou como possibilidade para segui-Lo até o fim dos tempos. E isso sempre está garantido por Pedro, pois foi justamente investindo Pedro e dizendo-lhe: “Segue-me” (para João depois poder segui-Lo e depois milhares de outras pessoas poderem segui-Lo também) que Jesus instituiu este sinal, esta verificação da verdade de um seguimento que consiste em seguir pessoas que eu não escolho por simpatia, mas nas quais sou escolhido, nas quais a Igreja se dá a mim como lugar em que posso realmente seguir a Cristo e não a mim mesmo, e não à minha interpretação, e não ao meu sentimento. Não sei se está claro. É um tema que talvez deva ser aprofundado ainda mais.

Prosperi. Que bonito este destaque: “Não sigo porque eu escolho, mas porque sou escolhido”, porque isso baseia também o critério da autoridade a seguir, não? É assim?

Lepori. Sim, porque no encontro com Cristo, dentro do encontro com Cristo, Deus também nos dá o lugar onde segui-Lo, pois nos dá o nascer, mas não nos deixa no meio da rua como um bebê recém-nascido e abandonado; Ele nos faz nascer numa família, nos faz nascer numa companhia de pessoas,

e depois é claro quem devemos seguir, é-nos dado. Eu me lembro que desde o início do encontro eu entendi que tinha de seguir e obedecer por amor a mim mesmo, pois não queria perder aquele acontecimento que preencheria meu coração, inclusive quando depois, com o tempo, eu vi todos os limites das pessoas que me tinham veiculado o encontro. É evidente, cedo ou tarde o limite vem à tona – porque existe e não pode deixar de existir –, mesmo assim sempre entendi que seguir era um bem para mim, e é o que sempre me salvou: apesar de tudo, seguir, obedecer, porque eu entendia que só assim permaneceria fiel ao que me fora dado, ao fascínio do encontro com Cristo que eu vivera.

Prosperi. Obrigado.

“Você disse que, se eu digo a quem está do meu lado: ‘O Mestre está aqui e te chama’, transmito isso ao mundo inteiro. Pode explicar melhor como é que isso se torna ecumenismo, responsabilidade universal dos que creem?”

Lepori. A verdadeira questão é deixar acontecer um acontecimento e não calcular uma eficácia. Na missão, no viver o testemunho e a missão da Igreja, o importante não é medir a eficácia, as forças ou os meios, e sim deixar um acontecimento acontecer. E é o método que começou com a Virgem Maria, o sopro da liberdade de Maria, que disse “*Fiat*” e transmitiu ao mundo inteiro o acontecimento de Cristo. Se há uma pessoa que transmitiu ao mundo inteiro o acontecimento de Cristo, foi a Virgem, foi Nossa Senhora, mas também Pedro com seu “sim”. Posso transmiti-lo apenas como acontecimento, de modo que, se eu não faço experiência disso, se não me deixo salvar, não o transmito ao mundo inteiro, não transmito o acontecimento; transmito uma teoria, transmito uma moral, transmito não sei quê. Se eu mesmo não faço a experiência de que o Mestre está aqui e me chama e me salva, e não o comunico a quem está do meu lado, deixo de transmitir o acontecimento. O acontecimento é como um fogo: mesmo o fogo de uma velinha pode ser transmitido ao mundo inteiro, mas se for passando a chama a quem está do meu lado, e não mandando para a Austrália uma mensagem de que há uma chama na Itália. Se não houver contato, eu não transmito nada. E é por isso que viver o acontecimento com quem está do meu lado é fundamental, porque, se não o vivo com quem está do meu lado, quer dizer que não o vivo e não o transmito como acontecimento. Não sei se está claro.

Prosperi. Sim. Somos chamados a atear um incêndio, praticamente!

Lepori. Certo! “Fogo eu vim lançar sobre a terra, e como desejaria que já estivesse aceso!”⁹⁶

Prosperi. Esta pergunta, com vários matizes, foi a mais popular, então a deixamos mais para o fim.

“A dissociação entre liberdade e desejo se deve a quê? E o que pode sanar esta fratura?”

Você disse que o coração encontra, deseja, quer abraçar, mas a liberdade, por um cálculo inconsciente de si ou por um temor projetado por fantasmas, diz que não, impede o abraço; e disse que essa falsa liberdade ‘cai vítima de si mesma, arrasta consigo o coração-menino que estava prestes a abraçar Jesus’, propondo outras vias e plenitudes que se revelam todas falsas. Por que é que essa falsa liberdade parece às vezes vencer a superabundância que experimentamos com Jesus? Como não nos escandalizar nem ficar paralisados?”

Lepori. Eu acho que é aqui mesmo que entra o pecado original, pelo fato mesmo de haver em nós uma tendência absurda a não aderirmos ao bem, uma tendência absurda a renunciar à evidência do bem, do bom, do belo, a renunciar à nossa alegria. Essa tendência absurda cria uma dissociação entre a liberdade e o desejo. O desejo deseja somente Cristo, mas há este jogo da liberdade que, por um cálculo de realização de si absurdo – pois autônomo, falso –, não obedece ao desejo que lhe mostra a realidade que preenche o coração, ou seja, arranca-o daquilo que ele deseja. É o que São Paulo diz: “Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero”,⁹⁷ isto é, ele sente dentro de si essa liberdade ferida, ferida como orgulho, como posição orgulhosa diante da vida, uma liberdade que não se curva ao desejo de uma atração evidente e de uma presença evidente que te atrai, que te fascina, que te dá tudo. Jesus diz: “Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida!”⁹⁸ é este o lamento de Jesus: “Como assim? Eu vos dou a vida, e vós não quereis vir a mim, vossa liberdade escolhe não vir a mim, não acolher-me, não amar-me, não receber-me, não acolher-me!”

Mas o escândalo perante essa tendência da liberdade é o último bastião do pecado e do orgulho. É o último bastião, porque é como dizer: “Eu me escandalizo com isso e por isso vou ainda mais a fundo nesta dinâmica absurda de pecado”.

O que nos salva? É justamente a misericórdia de Deus, a evidência de que Ele sempre vem para nos resgatar. Na experiência de toda a minha vida, toda

⁹⁶ Lc 12,49.

⁹⁷ Rm 7,19.

⁹⁸ Jo 5,40.

vez que minha liberdade cedeu a ponto de não corresponder, sempre Cristo veio resgatar-me. É uma evidência da Sua gratuidade, a gratuidade da Sua gratuidade, a gratuidade da Sua salvação, de como a Sua salvação é mais forte que nós, é mais forte que o pecado. Porque no fundo Cristo, graças a Deus, ouve mais do que a nossa liberdade o desejo do nosso coração: quando Ele vê que nossa liberdade enlouqueceu a ponto de contradizer a evidência de um desejo, a evidência de uma atração, a misericórdia infinita de Deus faz com que Ele nos resgate, como fez com Pedro, justamente porque no fundo – exatamente como dissemos antes –, até o pecado Ele transforma para nós no grito extremo de socorro: “Salva-me!”. Cristo nos faz mergulhar em nós mesmos, na nossa condição, e põe a nossa liberdade contra a parede, de modo que ela não consegue nem mais mentir, e aí então grita e se torna verdadeiramente livre: “Salva-me!”, e isso acontece. Não o digo porque eu sei, mas porque fazemos experiência disso; é uma experiência. Esse resgate contínuo de Deus da nossa miséria e do nosso orgulho é o rosto extremo da misericórdia de Deus, como o Bom Pastor que atravessa mares e montanhas para ir procurar a ovelha perdida que arruinou totalmente a sua vida por ter escolhido dissociar sua liberdade do desejo de plenitude que seu coração grita.

Prosperi. É maravilhosa essa imagem da misericórdia. Cristo ouve mais do que a nossa liberdade o desejo do nosso coração.

Esta é absolutamente a pergunta que leva o “troféu” de mais recorrente.

“Impressionou-me enormemente a passagem que você fez na tarde de sábado sobre a atração e a liberdade. Você disse que no mundo elas são escravas uma da outra, e eu me enxergo muito nessa descrição. Pode aprofundar essa passagem?”

A certa altura, você acrescentou que atração e liberdade “estão fundidas”, e então muitos perguntaram o que você pretendia dizer.

Lepori. Essa imagem me veio à mente naquele momento, vocês não podem levar tudo como um dogma!

Prosperi. Oh! Eu me sinto melhor quando você diz que alguém pode até dizer uma coisa que lhe escapou!

Lepori. Mas não acho que seja burrice afirmar que no mundo a atração e a liberdade estão fundidas, que há uma relação de fusão entre atração e liberdade. Julgo que isso não se verifique no acontecimento cristão, que não seja para isso que Deus nos dá a experiência da atração e nos dá a liberdade. É como se Deus tivesse criado um espaço entre elas. Entre o que me atrai e minha liber-

dade não há fusão, mas há um espaço de desejo. Talvez “desejo” seja a terceira palavra que deve ser inserida na questão, pois nos faz entender melhor: quando liberdade e atração se fundem, já não há espaço para o desejo, então já não há espaço para a liberdade, já não há espaço para a liberdade fazer um caminho até algo diferente dela mesma. Acho que era isso o que eu queria dizer, porque, quando a atração e a liberdade estão fundidas, já não podem...

Prosperi. ...criar tensão.

Lepori. ...decidir-se, já não conseguem escolher-se, já não podem dizer sim uma à outra, e então são escravas. É como certas figuras dantescas no Inferno, que embora odiando-se estão fundidas, não conseguem separar-se, não conseguem parar de se devorar umas às outras. Acho que entender isso é importante, pois aqui, depois, reside todo o discurso da virgindade, da castidade: entre o que me atrai e minha liberdade há um espaço de desejo, de escolha, de respeito, que faz com que o abraço seja realmente um ato da liberdade e não algo que me fecha; é um ato mesmo de amor e não simplesmente um abandonar-se a um abraço que te aperta, te sufoca e, em última instância, te mata, te suprime. Mas é um tema infinito, por isso temos de continuar pensando nisso.

Prosperi. Ainda bem que lhe escapou, hein!

Para concluir, queria ler uma pergunta, que é também um testemunho, de uma amiga de Carcóvia que escreveu:

“A experiência da vida do Movimento deu-me a possibilidade de percorrer todo o caminho de Marta que você abordou e de experimentar o desejo constante de Cristo que brotou dele. Graças a esta experiência eu vejo a Sua misericórdia todo dia. Mas nestes meses o mal ficou tão grande, que para os ucranianos não se trata da insatisfação de Marta pelo fato de o homem estar fadado a morrer. Minha cidade é bombardeada todos os dias, muitas mulheres tiveram de deixar suas casas, perderam seus familiares, viram os maridos ir para a guerra. Têm medo, sofrem, sentem ódio. Neste momento, devido ao assédio de Mariupol, há mulheres e crianças que morrem de fome ou que são feridas e passam por sofrimentos terríveis. Estão sepultadas vivas. É como se a experiência de Marta me propusesse que eu me separe da minha realidade ou que me contente com a memória de Cristo. Agora a Ucrânia não está vivendo a experiência de Marta, mas a de Cristo, que gritava de cima da cruz: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ E muitos de nós sabem que Ele não fora abandonado, porque nós conhecemos o Cristo ressuscitado. Mas como podemos viver hoje no mal totalizante, no qual até Cristo teve dificuldade em ver o Pai?”

Lepori. Com certeza é a pergunta, a mensagem que mais me provoca, evidentemente. Devo dizer que, ao preparar os Exercícios, eu não me esqueci nem por um instante da aflição que todos estamos vivendo desde que esta guerra estourou; e no fundo essa aflição, de uma forma ou de outra, inspirou todos os Exercícios, porque já não podemos viver nada sem pensar nisso, sem compartilhar esta tragédia, este momento em que a morte e o mal parecem vencer. É por isso que, pensando exatamente na Ucrânia, fiz questão de terminar a segunda palestra dos Exercícios apresentando o naufrágio de São Paulo, porque uma guerra assim é mesmo um naufrágio, não só para a Ucrânia e não só para a Rússia, mas para a Europa, para o mundo inteiro, um naufrágio da humanidade em todos os sentidos do termo: da humanidade, do humano e da humanidade entendida como todos os homens que vivem hoje nesta terra. E é por isso que me ajudou ver como São Paulo viveu o naufrágio. Claro, São Paulo disse a seus companheiros: “Não vamos salvar o navio”, e isso me fez pensar muito, pois é algo contra o qual não conseguimos deixar de nos revoltar. Ele acrescenta: “Mas vossas vidas serão salvas”.⁹⁹ E para manifestar isso, São Paulo – é incrível! – tomou o pão, deu graças, partiu-o e comeu-o: celebrou uma Eucaristia em pleno naufrágio, ou seja, afirmou a presença de Cristo real em pleno naufrágio. E o Cristo que ele reafirmou é certamente aquele de que unicamente precisamos – o Cristo de Marta –, mas é o Cristo crucificado, o Cristo ressuscitado da morte, o Cristo que desceu (como disse nossa amiga) até o fundo do humano, que é o desespero de Deus. Jesus quis descer até o fundo, até o Inferno do naufrágio humano, até desesperar ali onde o homem desespera de Deus. Não é Ele que desesperou do Pai, mas o homem. Jesus desceu para abraçar inclusive o nosso desespero. Como abraçou a nossa morte, assim abraçou o nosso desespero. Então nos cabe apenas perguntar-nos até que ponto temos consciência de quem é o Único necessário que nos preenche o coração, de quem é realmente esse homem que nos diz: “Eu sou a ressurreição e a vida” e que promete e diz também: “Quem morrer viverá”. É esse Cristo crucificado, esse Cristo que morre por nós, esse amor de Deus infinito que não é alheio ao naufrágio do mundo, não é alheio, está dentro. Neste momento, é Jesus quem sofre na Ucrânia, é Ele quem morre, quem é abandonado por seus entes queridos, quem é estuprado nas mulheres, é Ele mesmo quem sofre tudo. E nós devemos apenas reconhecê-Lo, não podemos senão renovar verdadeiramente o nosso “sim” a Ele no lugar onde estamos, na vida em que vivemos, para que isso se manifeste aos nossos irmãos e irmãs na Ucrânia, para que Ele se manifeste a todos, também aos russos, como Aquele que no momento atual vive isto, sofre isto, naufraga junto com todas as pessoas. E justamente porque

⁹⁹ Ver aqui, pp. 59-60.

se trata d'Ele que esse naufrágio foi vencido, e é porque Ele está presente que essa morte ressuscita e este mal é vencido, não domina, não terá nem tem já a última palavra.

Uma amiga observou que hoje é o aniversário de morte tanto de Takashi Paolo Nagai como de São Riccardo Pampuri: ambos morreram no dia primeiro de maio. Que providência! Takashi Nagai (mencionei-o brevemente ontem), no livro cujo prefácio escrevi e que por questões editoriais ainda não saiu – *Aquilo que nunca morre*, sua autobiografia –, descreve (é um testemunho incrível!) a cena quando a bomba destruiu tudo e ele ficou diante da destruição de toda a sua vida: sua mulher, seu trabalho, seus alunos, sua universidade, sua cidade, sua igreja, tudo, tudo estava aniquilado. Ali teve um segundo de desespero, mas depois teve uma espécie de visão e ouviu Jesus dizer: “Céus e terra passarão, mas minhas palavras nunca passarão”, transmitindo assim a certeza de que Ele vence e nunca morre. A partir de então ele escolheu viver apenas para aquilo que nunca morre, isto é, para Cristo, e passou os últimos anos de sua vida doente (vocês sabem, já leram) afirmando com letícia e com fé aquilo que nunca morre, afirmando de todos os modos que Cristo é a ressurreição e a vida: escrevendo, na relação com seus dois filhos, encontrando uma multidão de pessoas, oferecendo sua doença; em tudo afirmou somente que Cristo é a ressurreição e a vida do homem e que isso é o que nunca morre em qualquer naufrágio que possa vir a ocorrer. Pois então, nós temos a responsabilidade de viver isto com nossos irmãos e irmãs da Ucrânia, este “sim” a Cristo, este “sim” a Cristo que nunca morre, graças ao qual a morte e o mal nunca vencem.

Ante esta mensagem da nossa amiga ucraniana, não é que eu respondo; quero só acolhê-la. Digo apenas que quero acolhê-la assim e vivê-la assim, como uma mensagem que se tornará a tarefa que estes Exercícios deixam para mim no viver, no viver a minha vida. Não posso, aliás, não podemos viver sem a consciência desse grito que nossa amiga nos transmitiu. É tudo.

Prosperi. Obrigado, obrigado mesmo! Vamos ter tempo para retomar todas essas coisas.

Rezemos o *Regina Caeli*.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

quero estar presente para todos vocês por ocasião dos Exercícios anuais. “Cristo, vida da vida”, como o Servo de Deus Monsenhor Luigi Giussani nos ensinou, é a raiz da nossa consistência. Nada, nem sequer nossas fragilidades, pode mudar este estado de coisas. Então com humildade mendigamos olhos novos para vê-Lo na nossa existência e nas nossas relações. Peçamos à Virgem, neste mês de maio, a simplicidade de coração para reconhecermos o dom do encontro e a tarefa que nasce dele: amar o Movimento, a Igreja e comunicar a sua beleza.

No Senhor os abençoo.

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

Mais de 40 mil pessoas – reunidas em grupos por videoconferência em 94 países – participaram dos Exercícios Espirituais anuais de CL, meditando sobre “Cristo, vida da vida”. Tal como somos, acompanhados por Padre Mauro-Giuseppe Lepori – que nos ofereceu seu testemunho pessoal de homem agarrado e transformado por Cristo –, olhamos para Jesus, deixamo-nos atrair por Ele, o qual nos alcançou numa companhia vocacional, junto com pessoas que decidiram seguir Cristo, o único que nos é necessário para viver, resposta exaustiva à nossa necessidade de felicidade, de paz, de fraternidade, de beleza e de realização da vida.

Nestes dias aprofundamos o valor da nossa Fraternidade, na fidelidade ao carisma que o Espírito deu a Dom Giussani: um lugar onde verificamos que Cristo é Tudo para o coração do homem, fundamento de uma amizade impossível sem Ele, de modo que nós também podemos dizer: “*Cristo é a vida da minha vida*” (Dom Giussani).

Com o coração cheio de gratidão pela sua bênção apostólica, necessitados de ser constantemente confirmados por Pedro na fé, pedimos-lhe que nos utilize como preferir para colaborar com a obra de salvação de Cristo, conscientes de que o cristianismo não se comunica por proselitismo – quantas vezes no-lo lembrou! –, mas por atração.

Mais responsáveis pela nossa unidade em relação a cada coração humano que encontramos e animados pela Caridade que faz novas todas as coisas, continuamos rezando por Sua Santidade, testemunha inabalável de Cristo vivo, que neste tempo de guerra é a única fonte da verdadeira paz.

Davide Prospero

Sua Santidade Papa Emérito Bento XVI

Santidade,

durante os Exercícios da Fraternidade de CL – acompanhados por mais de 40 mil pessoas por videoconferência no mundo inteiro – vivemos a experiência do encontro com Cristo vivo. As meditações de Padre Mauro-Giuseppe Lepori sobre o tema “Cristo, vida da vida” (Dom Giussani) permitiram-nos olhar para Cristo, que vem ao encontro de nossa humanidade que precisa apenas d’Ele, o Único necessário. Na companhia d’Ele podemos fazer um caminho humano, para o bem do Movimento, da Igreja e do mundo.

Pedindo a Nossa Senhora que encha os seus dias de paz e letícia, pedimos-lhe uma oração pelo caminho da nossa Fraternidade.

Davide Prospero

S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell

Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Eminência Reverendíssima,

Participaram dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação mais de 40 mil pessoas, que se conectaram do mundo todo para meditar sobre o tema: “Cristo, vida da vida”, uma afirmação de Dom Giussani que o Padre Mauro-Giuseppe Lepori aprofundou durante as meditações, oferecendo o testemunho de que o encontro com Cristo é uma novidade que transforma a existência de quem O acolhe e O segue como ao Único necessário para viver.

Retomamos o caminho com o desejo de assumir para nós cada vez mais a responsabilidade do carisma, depositando tudo o que somos por graça nas mãos de Pedro, a fim de que confirme nossa fé, para colaborarmos com a materialidade da nossa existência na vida da Igreja, sinal de esperança para todos os irmãos homens.

Enquanto pedimos uma oração pelo nosso caminho, confiamos a Nossa Senhora a sua tarefa de acompanhar o caminho dos fiéis leigos.

Davide Prospero

S.E.R. cardeal Gualtiero Bassetti
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência Reverendíssima,
mais de 40 mil pessoas no mundo todo – majoritariamente da Itália – participaram dos Exercícios Espirituais anuais da Fraternidade de CL, que este ano também ocorreram por videoconferência. O tema: “Cristo, vida da vida” (Dom Giussani) permitiu-nos aprofundar, sob a condução de Padre Mauro-Giuseppe Lepori, que pregou as meditações, a consciência de que Cristo nos é necessário para viver e que só a Sua presença agora responde à necessidade infinita do nosso coração.

Na fidelidade ao carisma que recebemos e profundamente ligados a Pedro, continuamos caminhando imersos na vida da Igreja que está na Itália, para colaborarmos com a comunicação da fé a todos aquele que encontrarmos e que, mesmo inconscientemente, esperam encontrar Aquele que enche a vida de alegria e paz.

Rezando por sua pessoa, pedimos-lhe que continue acompanhando nosso caminho com sua caridade paterna.

Davide Prospero

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo Emérito de Milão

Caríssimo Angelo,
gratos pela sua mensagem, nestes dias de Exercícios enchemo-nos de silêncio diante do recontar de “Cristo, vida da vida”, que nos alcançou por meio do testemunho de Padre Mauro-Giuseppe Lepori e de seu “sim” ao acontecimento presente que torna atrativo viver como ele e como Jesus. E obrigado por nos ter lembrado que nenhuma fragilidade pode desgastar a humilde certeza de que Ele é o fundamento da nossa consistência perante tudo e todos.

Rezando por você a Nossa Senhora, pedimos-lhe que mantenha no coração toda a Fraternidade.

Davide Prospero

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Organização de Giovanna Parravicini

(Guia para leitura das imagens tiradas da História da Arte que acompanharam a audição das peças de música clássica na entrada e na saída)

“A arte antecipa algo do eterno”, lembrou-nos Giussani nos Exercícios Espirituais da Fraternidade em 1994. Poucas formas de arte nos oferecem um testemunho tão imediato dessa afirmação quanto o ícone, janela que se abre para o infinito. Um percurso de educação do olhar que parte da releitura da história da salvação para chegar à contemplação do rosto bom do Mistério como propósito da vida..

1. *Concepção da Mãe de Deus*, 1294-1295, afresco, Macedônia do Norte, Ohrid, Panagia Peribleptos
2. *Concepção da Mãe de Deus*, século XVIII, Rússia, Museu de Soligalich (Costroma)
3. *Concepção da Mãe de Deus*, século XVII, Rússia, Museu de Artes Decorativas de Arkhangelsk
4. *Natividade da Mãe de Deus*, 1314, Sérvia, Mosteiro de Studenica
5. *Natividade da Mãe de Deus*, século XVI, Rússia, Moscou, Coleção Vorobiev
6. *Apresentação de Maria no templo*, século XVI, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Susdália
7. *Apresentação de Maria no templo*, século XIV, Rússia, escola de Novgorod, São Petersburgo, Museu Estatal Russo
8. *Anunciação de Ustiug*, século XII, Rússia, Moscou, Galeria Estatal Tretiakov
9. *Anunciação*, século XV-XVI, Rússia, Museu de Arte de Vladimir-Susdália
10. *Anunciação*, século XVI, Rússia, Museu de Arte de Vladimir-Susdália
11. Dionísio, *Visitação* (Encontro de Maria e Isabel), 1502, afresco, Rússia, mosteiro de Ferapontov, igreja da Natividade da Mãe de Deus
12. *Natividade de Cristo*, 1192, Chipre, Lagoudera
13. *Natividade de Cristo*, 1410-1430, Rússia, estúdio de Rublev, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
14. Andrei Rublev, *Arcanjo Miguel* (da *Deesis* de Zvenigorod), 1410-1420, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
15. *Mãe de Deus Hodegétria*, 1260-1270, Sérvia, Mosteiro de Hilandar, Atos

16. *Mãe de Deus Hodegéttria*, século IX-XIII Geórgia, Tíblissi, Museu Nacional de Arte Amiranashvili
17. *Mãe de Deus Hodegéttria*, século XIV, Macedônia do Norte, Ocrida, Galeria dos Ícones
18. *Mãe de Deus da Ternura*, século XVI, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Susdália
19. *Mãe de Deus Arakiotissa*, século XII, Chipre, Lagoudera
20. *Apresentação de Jesus no templo*, século XII, Chipre, Lagoudera
21. *Apresentação de Jesus no templo*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
22. *Apresentação de Jesus no templo*, século XVII, Rússia, Iaroslavl, Museu de Arte
23. *Jesus entre os doutores*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
24. *Jesus entre os doutores*, século XVI, Rússia, Museu de Pskov
25. *Batismo*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
26. *Batismo*, 1408, Rússia, escola de Moscou, São Petersburgo, Museu Estatal Russo
27. *São João, o Precursor com cenas da vida*, século XVI, Rússia, Museu de Rostóvia
28. *Cristo Pantocrator*, 1260-1270, Sérvia, Mosteiro de Hilandar, Atos
29. *Cristo Pantocrator*, 1192, Chipre, Igreja da Panagia Araka, Museu Bizantino de Nicósia
30. *Cristo Pantocrator*, século XIII-XIV, Geórgia, igreja de São Jorge, aldeia de Svipi
31. Andrei Rublev, *Salvador* (da *Deesis* de Zvenigorod), 1410-1420, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
32. Teófanes, o Grego, *Transfiguração*, ca. 1403, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
33. *Transfiguração*, 1470-1480, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
34. *Cristo Pantocrator*, século VI, Egito, Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai
35. *Ressurreição de Lázaro*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
36. *Entrada em Jerusalém*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Moscou, Coleção privada
37. *Entrada em Jerusalém*, ca. 1430, Rússia, escola de Novgorod, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
38. *Lava-pés*, 1509, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
39. *Última ceia*, século XVI, Rússia, escola de Rostóvia-Susdália, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
40. *Comunhão dos apóstolos*, 1520-1530, Rússia, Moscou, Coleção privada

41. *Cenas da Paixão* (Última ceia, Lava-pés, Oração no Horto, Traição de Judas), século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
42. *Cenas da Paixão* (*Flagelação de Cristo, Cristo zombado, Subida ao Calvário, Crucifixão*), século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
43. *Subida ao Calvário*, ca. 1497, Rússia, Moscou, Museu Rublev
44. *Salvador Achiropita*, século XII, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
45. *Crucifixão*, século XI-XII, Geórgia, aldeia de Svipi
46. *Crucifixão*, 1208-1209, Sérvia, Mosteiro de Studenica
47. *Dionísio, Crucifixão*, 1500, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
48. *Deposição da Cruz*, século XV, Rússia, escola do Norte, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
49. *Lamentação sobre o Cristo morto*, 1164, Macedônia do Norte, Gorno Nerezi, igreja de São Pantaleão
50. *Lamentação sobre o Cristo morto*, ca. 1140, Rússia, Pskov, Mosteiro de Miroz
51. *Descida aos infernos com santos*, século XV, Rússia, escola de Pskov, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Pskov
52. *Descida aos infernos*, 1502, Rússia, estúdio de Dionísio, São Petersburgo, Museu Estatal Russo
53. *Descida aos infernos*, XIV, Rússia, escola de Moscou, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
54. *As mirróforas no sepulcro*, cantes de 1228, Sérvia, Milesevo
55. *As mirróforas no sepulcro*, ca. 1140, Rússia, Pskov, Mosteiro de Miroz
56. *Incredulidade de Tomé*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
57. *Incredulidade de Tomé*, século XVI, Rússia, Museu de Artes Decorativas de Arcangel
58. *Ascensão*, 1410-1420, Rússia, estúdio de Rublev, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
59. *Ascensão*, 1542, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
60. *Pentecostes*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
61. *Dormição da Mãe de Deus*, 1263-1268, Sérvia, Sopocáni
62. *Dormição da Mãe de Deus*, 1470-1480, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de Arquitetura e Belas Artes de Novgorod
63. *Mãe de Deus da Ternura*, século XV, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Susdália
64. *Mãe de Deus da Ternura de Vladimir*, século XII, Bizâncio, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov

65. *Mãe de Deus (Orante)*, ca. 1224, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
66. Dionísio, *Mãe de Deus Hodegéttria*, 1482, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov
67. *Reunião de todos os santos*, século XVI, Rússia, Museu de Rostóvia
68. Andrei Rublev, *Trindade*, 1425-1427, Rússia, Moscou, Galeria Estatal de Tretiakov

Sumário

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO	3
<i>Sexta-feira, 29 de abril, noite</i>	
SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA	5
INTRODUÇÃO – “ <i>Uma só coisa é necessária</i> ”	10
<i>Sábado, 30 de abril, manhã</i>	
PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>Nascer do encontro, crescer no seguimento</i>	21
<i>Sábado, 30 de abril, tarde</i>	
SEGUNDA MEDITAÇÃO – “ <i>O Mestre está aí e te chama</i> ”	41
<i>Domingo, 1 de maio, manhã</i>	
ASSEMBLEIA	63
MENSAGENS RECEBIDAS	81
TELEGRAMAS ENVIADOS	82
A ARTE EM NOSSA COMPANHIA	85

Tradução do italiano de Cláudio Cruz.

Revisão de Isabella Santana Alberto

